

CONTOS
MITOS E LENDAS DA BEIRA
José Carlos Duarte Moura

A Mar Arte
Coimbra/96

Edição:

A Ar Arte

C. Comercial Sofia, Lj36

Apartado 6025 – 3000 Coimbra

e

ASSOCIAÇÃO CULTURAL OUTREM –
ASSOCIAÇÃO DE DEFESA DO AMBIENTE E PATRIMÓNIO

TÍTULO:

Contos Mitos e Lendas da Beira

Compilação, organização e análise de textos:

José Carlos Duarte Moura

Recolhas efectuadas entre 1987 e 1993.

Correcção de textos:

Maria de La Salette Coelho Machado

Com o apoio do Instituto da Juventude

Agradecemos a todos aqueles que ajudaram a que este trabalho fosse possível, nomeadamente àqueles que trouxeram até nós as recolhas feitas nas suas localidades de origem, contribuindo assim, decisivamente, para preservar a nossa identidade cultural.

PREFÁCIO

LOPES MARCELO

Contos, Mitos e Lendas da Beira é um contributo muito válido no sentido da revistarão da nossa identidade, expressando-se esta pelo sentimento de pertença que cada um de nós desenvolve em relação à comunidade de origem.

Comunidade pressupõe um grupo integrado de pessoas que compartilham um território, assumem laços de parentesco, desenvolvem laços de convívio, repartem tarefas produtivas e funções sociais, visando satisfazer interesses comuns e defender valores colectivos. Assim as pessoas associadas por laços de intimidade e de convívio pessoal partilham uma herança cultural e histórica e assumem o sentimento de participarem de um destino comum.

Esta dimensão comunitária era bem evidente aos agregados populacionais da nossa região, tanto maior, quanto o seu isolamento. Hoje, no mundo aberto resta-nos o sentimento de pertença que pode ser realinhamento no imenso rio da sabedoria popular, em que mergulham as raízes da nossa identidade cultural.

A identidade cultural está intimamente ligada à noção d património, entendida como memória colectiva, fruto de tradições que sedimentaram o percurso criativo de sucessivas gerações. O homem, pelo seu cada vez mais longo ciclo de vida, que lhe permite o convívio intergeracional, pode partilhar cada vez mais na magia e nos rituais das tradições e valores históricos, através dos quais a identidade cultural é representada e transmitida de geração em geração.

Registando o património que é imaginário colectivo transmitido por tradição oral, estão a salvar-se e a disponibilizar-se fontes autenticas, cheias de magia, ingenuidade, tarefa que a Associação Cultural Outrém e o Professor José Carlos Duarte Moura, em boa hora metem ombros, merecendo todo o aplauso e sinceros parabéns.

O homem, cada pessoa, é um ser eminentemente social, e cultural, em que o fio condutor e estabilizador de identidade, toma parte integrante da memória colectiva e lhe permite ser, no presente elemento dinâmico que renova a pertença, encarando o futuro à luz fecunda do passado.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, pretende ser antes de mais, um modo de preservar uma parte significativa do património cultural da Beira, que transmitindo-se através da tradição oral, corre actualmente sérios riscos de se perder.

A Literatura popular, assume-se assim como um dos elementos, difusores de valores com índole diversificada, que transmitindo-se de geração em geração através da tradição oral, arrastada todo um conjunto de ideias conscientes ou inconscientes, assumidamente representativas, de um determinado grupo.

Quem não recorda com saudade os tempos em que os meios de comunicação social não estavam tão disseminados, e as histórias contadas à Igreja?

É sem dúvida urgente preservar a Literatura Popular que está em risco de se perder. No seu conteúdo, encontramos valores de épocas, de sentimentos; modos de agir e de pensar. Enfim o sentido e o peso, que modelam o comportamento de um “povo” ao longo dos tempos.

Pretende-se ainda com este trabalho, levantar um pouco o véu relativamente à Literatura popular da Beira, e de algum modo formular hipóteses quanto à sua função nas comunidades. O papel educacional que parece ter tido e as diversas nuances que apresenta de localidade para localidade.

Que este trabalho seja um modo de preservação e de investigação e consequentemente, conduza a uma exploração mais profunda deste tema, o que sem dúvida, irá facultar um melhor conhecimento da nossa identidade cultural.

O CABEÇO DO CARVÃO

Uma vez ia um caçador a passar pelo Cabeço do Carvão em Alcains. Uma mulher ao longe acenou-lhe. “Que me quererá ela”, pensou o caçador. Quando lá chegou ela tinha um pano estendido com passas de figo e disse-lhe para tirar passas.

Ele tirou apenas três, meteu duas no bolso e deu a outra ao cão. Mais adiante lembrou-se e meteu as mãos ao bolso, mas não encontrou as passas mas sim duas peças de ouro. Imediatamente voltou ao local onde encontrara a mulher. Já não estava ninguém, mas no local ouviu uma voz: “Dobrate-me o meu encanto”. Mais tarde matou o cão para ver se encontrava outra peça de ouro, mas nada mais encontrou.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

O CABEÇO DO CACHOPINHO

Em Alcains há um cabeço com este nome; dizem que há muitos anos um cachopinho que andava ali a guardar o seu rebanho desapareceu. Depois de muito procurar o rapaz e o rebanho, apenas encontraram os sapatos do cachopinho com os seus pés ainda dentro. O cachopinho e o seu rebanho tinham sido comidos pelos lobos.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

SINO DA IGREJA

Andavam dois homens a lavrar o cabeço da Pelada. Um era de Alcains e o outro da Lardosa. Encontraram um sino que a charrua trouxe à superfície.

Cada um queria que o sino fosse para a sua terra porque o tal cabeço fica entre Alcains e a Lardosa.

Resolveram então ir à sua terra, buscar um carro de bois e o primeiro a lá chegar ficaria com o sino. O homem de Alcains foi o primeiro com direito ao sino.

Este sino encontra-se numa das torres da igreja, mas devido a uma fenda teve que ser refundido.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

ANDAVA NA SERRA

Era e não era
qu'andava na serra
lavrando cos bois que não tinha
como podia ser
seu pai estava morto e
sua mãe por nascer
meteu por ma serra abaixo
encontrou ma avelanzeira carregada de avelãs
começou a olhar para elas
com muito arreceio
ainda não tinha colhido nenhuma
já tinha o saco cheio
veio de lá o ladrão do dono
ó ladrão atirou-lhe com um torrão
bateu-lhe num calcanhar e
correu-lhe o sangue para o pescoço.

(A minha mãe costumava dizer um chocalho de merda ao teu pescoço.)

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

PRAGA DOS GAFANHOTOS

Dizem os antigos que em 1640 a Beira Baixa foi invadida por sucessivas nuvens de gafanhotos. Alcains não escapou a esta praga e as suas searas de centeio, feijão e milho, assim como as hortas, foram destruídas pela praga daqueles insectos. Alguns habitantes lembraram-se de acender fogueiras e outros, com chocalhos e latas faziam barulho tentando afugentá-los. Mas não conseguiram nada.

Então o povo, desesperado, pediu aos Santos da sua devoção que afastassem aquilo que se suspeitava ser castigo.

Tentando lutar contra a fome e com outros males que ela provocava, o povo implorou a protecção de Nossa Senhora, de Nosso Senhor e de São Pedro prometendo realizar 3 festas anuais em Domingos seguidos de Agosto.

Na segunda festa, realizada no quarto Domingo de Agosto, eram feitas ofertas que na maior parte eram de milho miúdo, cereal ou dinheiro.

Percorridas as ruas da povoação, no esperado Dia das Papas cada rancho regressava a casa do seu festeiro, na qual descansavam. Depois, alguns rapazes com os sacos de milho miúdo, trajes de festa, dirigiam-se para os moinhos manuais. Feita a farinha voltavam à casa do festeiro. As raparigas tiravam o carolo dos sacos, e separavam-no. A farinha era lavada repetidas vezes e acendiam-se na rua tantas fogueiras quantas caldeiras de papas calculadas. Os rapazes arranjavam colheres de pau muito compridas para tirar as papas das caldeiras recebendo certos “aborrecimentos” das raparigas que os acompanhavam. Finalmente, as papas ficavam antes do pôr-do-sol e os rapazes punham na rua 3 ou 5 tabuleiros de madeira com mais de um metro de comprimento, onde se vasavam as caldeiras.

Assim, as pessoas pobres e as crianças aproximam-se com colheres para se servirem.

Terminado o jantar das papas, o rancho saía para a rua e em frente da casa do respectivo festeiro, dançava-se e cantava-se.

No entanto, actualmente as festas sofreram algumas alterações. O milho para as papas já não é miúdo e os moinhos manuais já não existem.

Depois desta data foram registadas novas pragas de gafanhotos. Nunca, porém, os efeitos foram tão desastrosos como naquele terrível ano que deixou tristes recordações.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

A FADA DO CABEÇO DE CARVÃO

Dizem alguns que se alguém desse sete voltas e meia ao Cabeço do Carvão, da meia-noite à uma hora da madrugada, sem olhar para trás, abrir-se-ia uma porta do Palácio Colossal, com divisões sem fim. E quem entrasse teria de levar um longo calabro a cingi-lo à cintura.

Uma das portas teria de ficar no exterior, porque se não fosse assim, como são muitas as divisões ninguém daria com a porta de saída e ficaria encantado no lugar da Moura. Está lá uma Moura elegante, graciosa, coberta de esmeraldas, safiras e rubis, que passeia com o visitante mas não lhe fornece informações para tudo o que viu. A Moura encantada presenteia sempre quem a visita.

De uma vez disse a um ganhão, despedindo-se dele à porta: “Toma uma bolsa de passas de figo muito boas”. Quando a porta se fechou atrás de si ele disse: “Ainda bem que tenho ali na cabaça uma pinga de aguardente e se as passas prestaram, com este frio de Dezembro será muito bom.”

Quando foi para comer as passas estas transformaram-se em moedas de ouro. Tentou outra vez e então reparou que quando ia para trincar as passas estas se transformaram em moedas de ouro.

Pouco depois viu-se com um saco cheio de moedas de ouro.

Regressou a Alcains e o ganhão que era pobre tornou-se rico.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

O CHIBATO DA FEITEIRA

Diz-se que um dia à meia-noite um homem descia no caminho da Feiteira (Alcains) e ouviu uns berros de um cabrito. Apanhou o animal, pô-lo ao pescoço e levou-o para casa. Consoante ia descendo, o animal parecia crescer e ficar mais pesado e tornou-se tão pesado que lhe parecia um monstro. Não podendo com o animal atirou-o para um silvado. O animal disse-lhe então: “Olha para os meus dentes e vê se não são como os do teu pai”.

Recolha efectuada em Alcains – Concelho de Castelo Branco

RIBEIRO DA VELHA

Em tempos já longínquos, um casal de camponeses construiu junto às margens de um rio a sua habitação, pois ficava perto das suas terras para melhor deslocação para as tratar e junto dos animais que ali podiam pastar.

E ali viviam; tudo seguindo conforme os planos até que uma noite invernosa, fez co que o casal se recolhesse a casa mais cedo. Quando acabaram de jantar o homem foi junto do gado que estava no bardo ou curral, um pouco afastado da sua residência, com o necessário para os tratar. A mulher estava nos seus afazeres domésticos e quando estava para ir para a cama, precisou de sair, e ao abrir a porta, não se conteve e exclamou:

- Mas que noite para ladrões! – Eis se não quando uma voz lhe retorquiu: - E aqui os tem, velha...Sem se perturbar, a mulher convida-os a entrar para se aquecerem à lareira que ainda crepitava e dizendo-lhes que lhes iria preparar uma bela refeição, pois deviam estar esfomeados, àquela hora. Com esta hospitalidade, os malfeitores tentaram acomodar-se o melhor possível, deixando as armas atrás. Alegando ir buscar uma galinha para matar e preparar o comer, saiu de casa e foi avisar o marido, insistindo para ele se dirigir a Castelo Branco a pedir socorro. O homem assim fez. Durante a preparação da refeição, aproveitando a distração dos intrusos, foi deitando para os canos das armas, água, com o fim de impedir o seu uso aquando da chegada das autoridades. Quando já comiam a ceia, que lhes havia sido preparada, surgiam a galope os cavalos montados pelos soldados que vinham dominar a prender os criminosos. Estes surpreendidos sacaram as armas, que de nada lhes serviam, pois não dispararam. Presos, seguiram o caminho do quartel e do merecido castigo.

Recolha efectuada nas Benquerenças – Concelho de Castelo Branco

SENHORA DO VALVERDE

Diz-se que a capela da Nossa Senhora do Valverde, foi noutros tempos construída noutra local. Segundo consta os povos do Juncal e do Freixal do Campo, muito devotos de Nossa Senhora do Valverde, querendo que a capela fosse construída noutra local mais próximo das suas povoações, vinham roubar a imagem da Santa da sua capela e iam colocá-la na toca duma pedra de granito que ainda hoje se encontra atrás do altar na actual capela. Diziam então que era a Senhora do Valverde que queria a sua capela naquele local e foi portanto, ali construída uma nova capela.

Recolhida em Caféde – Concelho de Castelo Branco

A LEBRE BRANCA E O GALO PRETO

Havia um homem muito selvagem que tinha uma devoção de rezar todos os dias um Pai Nosso a S. Francisco. Quando esse homem estava para morrer apareceu-lhe um anjo e disse-lhe: “Se deres três esmolas avultadas, ainda te salvarás”. Passado algum tempo entrou um velhinho na quinta e os cães não lhe fizeram mal. O guarda quando viu o velhinho dirigiu-se até ele e disse-lhe:

- Como é que entrou aqui sem os cães lhe fazerem nada?

O velho respondeu:

- Eles são mansinhos, fiz-lhes umas festas e eles não me fizeram mal.

O velhinho foi visitar o homem que estava para morrer e pediu-lhe uma esmola, o homem vira-se para o criado e diz-lhe:

- Dá-lhe cinquenta alqueires de milho.
- Mas ele não trás saco – diz o criado para o patrão.
- Dá-lhe um saco dos melhores para levar o milho.

- Também não te como transportá-lo – diz o criado.
- Então põe o milho na carroça e vai levá-lo a casa.

O criado assim fez tudo e lá foi mais o velhinho. Quando já iam a caminho ouviram o sino da igreja tocar. O homem que tinha dado as esmolas ao velhinho já tinha falecido. Nisto passou-lhes por perto uma lebre branca a fugir de um galo preto. O velhinho vira-se para o criado e diz-lhe:

- “O teu patrão já morreu, e a lebre branca, que passou, significa que ele se salvou, o galo preto era o inimigo que vinha a correr atrás dele, mas não o apanhou. Aquele que fizer o bem já neste mundo se salvará e tu meu amigo podes levar o milho que eu não preciso” – e dito isto desaparece.

O velhinho, a quem o homem deu a esmola e com quem o criado falou era o Santo a quem o homem rezava todos os dias um Pai Nosso.

Recolha efectuada em Caféde – Concelho de Castelo Branco

OS HABITANTES DO SUBSOLO

Vai já para alguns anos quando uma parteira terminou o seu turno e saiu.

À porta do Hospital, foi abordada por um indivíduo de aspecto algo esquisito.

O indivíduo pediu-lhe então que fosse ajudar uma mulher que estava e dificuldades de parto.

A partira embora receosa resolveu ir, mas espanto seu foi-lhe tapada a cabeça e foi conduzida por esse indivíduo estranho.

Andaram pouco tempo, quando lhe destaparam a cabeça encontrava-se num túnel rodeada por pessoas que vestiam e falavam de modo estranho. Fez o seu trabalho, ajudou uma criança a nascer.

Quando terminou, agradeceram-lhe, taparam-lhe de novo o rosto e conduziram-na ao local onde a tinham ido buscar, uma vez aí deixaram-lhe na mão algumas moedas de ouro antigas e desapareceram.

Recolha efectuada em Castelo Branco

O GUILHERME

Era uma vez uma mulher que tinha um filho, e este não obedecia à mãe. Pensou o filho em fugir de casa e foi para os matos cortar lenha para vender na aldeia. Um dia viu uma rapariga de quem gostou e com quem casou.

Deste casamento nasceram seis filhos, com pouca diferença de idade.

Quando o mais velho tinha dezoito anos pensou em fugir de casa e levar os irmãos para os bosques do rei e caçarem veados.

Os pais ficaram muito tristes. Tiveram outro filho, a quem puseram o nome de Guilherme.

O menino tinha cinco anos quando sua mãe morreu.

O pai ficou gravemente doente, pediu ao filho que procurasse os seus irmãos, para eles tomarem conta do Guilherme. Nesta altura, o enfermo lembrou-se do que tinha feito a sua mãe e pediu fervorosamente a Deus que os seus filhos voltassem.

Os filhos voltaram, mas o pai tinha morrido. O Guilherme tinha ficado sozinho com o seu cão Piloto. Os irmãos acenderam um lume, assaram um veado e convidaram o Guilherme para comer.

Este não aceitou. Os irmãos fizeram uma poça e enterraram o pai. Prenderam o cão e levaram o Guilherme montado num burro para um bosque que ele desconhecia. Foi aqui que Guilherme adormeceu e que seus irmãos o abandonaram. Quando acordou e se viu sozinho, correu e chorou todo dia, o mato era tão alto que ele não via nada. À noite ouvia os lobos a uivar e como tinha medo subiu a uma árvore. Pensava no seu cão e rezava. Lá do cimo da árvore viu uma luz. Saiu do mato e já sem medo correu. Quando estava para a travessar um ribeiro sentiu os passos e atirou-se ao chão com receio que fosse algum lobo, era o seu cão que o ajudou a passar o ribeiro e que o defendeu de uma fera esfomeada. O cão ia ferido e Guilherme muito cansado, quando chegaram à casa de ma velhinha que logo os acolheu e os tratou.

Perguntou-lhe quem era, e como se chamava o pai. O garoto disse que era Guilherme e que seu pai se chamava António Silva. O coração da boa velha deu um salto ao ouvir o nome de seu filho que a abandonara. Agora tinha na sua frente um neto que ela iria amar como seu António.

Guilherme guardava as cabras, foi à escola e foi um bom neto.

Fez-se homem e casou com uma boa rapariga. Tiveram duas filhas e dois filhos, eram muito educados e trabalhadores.

Numa tarde quente de verão, Guilherme saboreava a fresca sombra de uns arbustos, quando viu chegar seis homens todos sujos, e perguntou-lhes:

- Onde vêm?
- Da cadeia.

Guilherme recordou os seus seis irmãos. E perguntou-lhes?

- De quem sois filhos?
- Nós somos filhos de António Silva.
- O que foi feito do vosso irmão mais novo?
- Nós não tínhamos nenhum irmão.
- E o Guilherme que deitasteis aos lobos?
- Perdoa-nos. (Lembram-se que tinham abandonado o irmão quando o pai morreu).

Guilherme chamou a sua mulher e seus filhos para que vissem abraçar os seus irmãos.

Estavam arrependidos da vida que tinham levado, mas não tinham possibilidade de se tornarem homens honestos. Como trabalhadores ninguém os queria, todos desconfiavam deles e não tinham dinheiro para comprarem terreno e o cultivarem.

Foi Guilherme que lhes resolveu a situação. Terreno tinha ele muito onde eles podiam trabalhar e a casa seria construída por eles.

Recolha efectuada em Castelo Branco

LENDA DE S. SEBASTIÃO

Contam os mais velhos que durante as Guerras de Independência, os Escalos de Baixo foram invadidos pelos Castelhanos. Mais tarde, chegaram até Castelo Branco as tropas Franco-Espanholas. Chegou então aos ouvidos dos Escalheiro que essas tropas iam marchar até à fronteira e por isso passavam obrigatoriamente pelos Escalos e arredores. Com lembranças das anteriores destruições, o povo decidiu combater contra a poderosa tropa Franco-Espanhola começando a rezar a S. Sebastião “defensor da fome, pestes e guerras”. Curiosamente formou-se um denso nevoeiro quando as tropas se aproximavam, o que tornou a povoação despercebida aos seus olhos, passando ao lado. Para cumprir a promessa o povo construiu a capela, situada ao lado da ribeira e fazendo frente à via que dava acesso a Castelo Branco. Também todos os anos são feitos grandes festejos em honra do Santo Defensor.

Recolha efectuada em Escalos de Baixo – Concelho de Castelo Branco

O CRUZEIRO ENSOMBRADO

Num dia de Verão, um casal resolveu ir buscar colmo para fazer vassouras e dirigiram-se para uma ribeira no Alentejo. Quando lá chegaram havia muito colmo e começaram a cortar, mas fez-se de noite e tiveram de lá dormir. Nessa noite viram um vulto do tronco para cima, ouviam os passos mas não viam as pernas. Ouviam-se as correntes a azurrar. Ultrapassou a ponte para o outro lado e começou a tocar o sino. O homem afoito foi atrás desse vulto. Chegou à ponte ia para ultrapassar para o outro lado mas a mulher disse para ele voltar pra trás. Dormiram e no outro dia puseram-se a cortar até se fazer de noite. Nessa noite viram as pernas do tal vulto mas não viram as pernas do tal vulto mas não viram o tronco. Passou outra vez a ponte e começou a tocar o sino e homem pegou na bengala e ia atrás dele mas a mulher não o deixou ir. Quando se fez de manhã estenderam o colmo. À tardinha foram à aldeia dormiram lá essa noite. De manhã perguntaram a um velhinho o que era aquilo no rio. O velho disse: “Foi um rapaz que morreu lá atado num cruzeiro com correntes e por isso aparece todas as noites.” Foram outra vez ao rio e levaram o velho, chegaram lá e encontraram o colmo todo desfeito e julgaram que tivessem sido os javalis mas o velho disse que talvez fosse o rapaz e nesse mesmo dia voltaram para casa.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

O CAVALO MÁGICO

Era uma vez uns grupos de casais que foram a acampar atrás do posto da Polícia em Toulouse. Nessa noite o burro da minha tia começou aos coices ao tanque onde estava preso e a minha tia levantou-se para ver o que se passava.

Ela viu um cavalo todo preto e chamou o meu tio; o cavalo levantou-se a zurrar e o meu tio seguiu-o quando estava mais ou menos a 3 metros dele não conseguia andar nem para trás nem para frente. Depois de estar assim mais ou menos 5 minutos o cavalo preto desapareceu fazendo um clarão.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

O CAVALO PRETO

Era uma vez um homem que veio até à Fonte Longa ao Clube Desportivo, mais ou menos Às 10h00 foi para casa e no meio dos pinheiro viu um cavalo preto deitado. Quando ele passou, o cavalo desapareceu logo.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

AS TRÊS CHAMAS

Era uma vez uma senhora e um grupo de homens que foram apagar um fogo a outra terra. Ao voltarem de noite viram no caminho três chamas. Um homem atirou-lhes uma pedra e cresceram. Depois eles foram-se embora e passaram por eles no meio da estrada três cobras vermelhas que desapareceram.

Recolha efectuada na Fonte Longa – Concelho de Castelo Branco

LENDA DA MOURA DA MARIA GADANHA

Um dia muito belo apareceu a um senhor uma moça muito bela e que tinha cabelos de ouro. Essa pessoa que passava por ali ao nascer o sol viu a porta da caverna aberta e a tal dita moça dos cabelos de ouro. A bela moça estava a penteá-los, e com os raios do sol o seu cabelo tinha um aspecto deslumbrante. Então volta-se o senhor e diz-lhe:

- Que moça tão bela que tu és, quem me dera casar contigo!

Nesse mesmo momento que o moço acaba de pronunciar esta frase e a linda moça de cabelos de ouro desaparece.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

O SINO

Um sino foi descoberto entre os limites da freguesia da Póvoa de Rio Moinhos e da Lardosa, pois aí estavam dois lavradores a lavar. Um deles era da Póvoa de Rio de Moinhos, e os dois queriam o sino. No final da discussão, combinaram ir buscar um carro de bois, e aquele que chegasse primeiro ao sítio combinado podia carregar o sino e lavá-lo para a sua aldeia. A distância das duas localidades era praticamente a mesma. O lavrador da Lardosa encontrou perto do lugar onde o sino tinha sido descoberto um carro de bois, claro que o lavrador da Lardosa foi o primeiro a chegar, ele carregou o sino e foi-se embora.

O sino está actualmente na Lardosa na torre da sua igreja. Esse sino tem umas inscrições pouco legíveis.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

HISTÓRIA DO PASTOR LUÍS

O pastor Luís, que guardava ovelhas e cabras nos montes um dia em que vinha dos montes com o seu rebanho passando pela estrada, ouviu um cabrito a berrar. O pobre cabrito estava cheio de frio e todo molhado. O pastor pegou o cabrito às costas e levou-o com ele. Num dado momento, o pastor passou em frente da porta do cemitério o cabrito mijou-lhe as costas. Nesse mesmo momento o cabrito entra para dentro do cemitério e evapora-se, nunca mais ninguém o tornou a ver.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

AS ALMAS DO OUTRO MUNDO

Dizem que as almas do outro mundo foram roubadas pelo padre que estava antigamente na Lardosa. Esse padre tinha o hábito de roubar as coisas aos mortos e também o dinheiro da igreja. Após ele ter feito isso, todos dizem que esse padre foi transformado num porco. No dia em que o padre tinha sido transformado, um senhor que passava por ali viu o porco e foi-se embora para casa. Depois contou a história à mulher dizendo-lhe que aquele porco era uma bela matação. A mulher dele mandou ir buscá-lo, e ele assim fez. O homem queria trazer o porco que era o padre mas ele não se deixava apanhar. O porco tinha tendência a fugir para a sua quinta. O senhor pegou o padre que era o porco pelas orelhas e nesse mesmo momento o porco lhe disse para ele ir puxar as orelhas do pai dele. Dizem que o padre foi para a sua quinta e que de vez em quando ele aparecia lá na igreja, no meio de toda a gente.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

A CABRA E O SEU LEITE

Foi uma vez um pastor que estava no pasto com as suas cabras e dizem que passou uma bruxa e que lhe pediu para lhe dar um pouco de leite que ela estava cheia de sede. Mas o pastor disse-lhe que não lhe podia dar leite porque senão o patrão dele ia dar por falta desse leite, ao que a bruxa lhe respondeu:

“À noite falta lhe acharás”, o pastor nunca mais ligou ao que lhe tinha dito a bruxa.

Quando ele regressou a casa da sua patroa para ordenhar as cabras, a melhor cabra que tinha no rebanho que dava mais ou menos 4 a 5 litros de leite estava sem pingo de leite. A sua patroa perguntou-lhe o que tinha passado, porque é que hoje havia menos leite que nos outros dias. O pastor respondeu-lhe que tinha sido uma das cabras que tinha posto a pata dentro do balde do leite e tinha entornado o conteúdo do balde onde estava o leite. No dia seguinte o pastor foi para o pasto com as suas cabras. Pelo caminho ele voltou a encontrar a bruxa e disse-lhe: “Ou tu devolves o leite à minha melhor cabra ou eu te mato”, e começou a bater nela com um pau. Por fim ela já suplicava para a deixar que a sua cabra havia de ter novamente leite quando fosse a ordenhá-la, e assim foi. A pessoa que contou esta história disse que teve de ordenhar a cabra duas vezes pelo caminho antes de chegar a casa com tanto leite que a cabra tinha nas tetas.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

A SEMENTEIRA

Dizem que não há muito tempo na altura das sementeiras estava reunido um grupo de pessoas, e nesse dia havia muito vento. Na altura em que o grupo estava a almoçar levantou-se um burburinho devastando toda a sementeira. Nesse momento um senhor do grupo todo enraivado pelos acontecimentos atirou com a faca que ele tinha na mão para o burburinho. As pessoas que viram só sabem dizer que a faca caiu para chão toda cheia de sangue.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

O SENHOR RICO

Era uma vez um senhor muito rico que andava a visitar os seus campos, porque no último dia tinha estado a chover e a fazer muito vento. Quando ele viu toda a sua sementeira destruída disse: “Se eu apanhasse a pessoa que fez isto matava-o!” e apontando com a arma para o céu deu um tiro. Dizem que no mesmo momento a terra abriu um profundo buraco. As pessoas dizem que encontraram o senhor enterrado até aos pescoço todo negro já morto, quando o descobriram todo cheio de sangue mesmo à sua volta.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

PRAGA DOS GAFANHOTOS

Conta a Lenda dos Gafanhotos que por volta de 1640 uma praga de gafanhotos devastou toda a aldeia da Lousa. Todos os habitantes das freguesias vizinhas (Alcains, Escalos de Baixo, Escalos de Cima e Lardosa) resolveram prometer uma festa ao Santo de maior afecto na freguesia, pedindo a as protecção contra aquela terrível praga que os estava a deixar na miséria. A Lousa recorreu a Nossa Senhora dos Altos Céus, com a promessa de fazer uma festa no terceiro Domingo do mês de Maio de cada anos, em louvor e acção de graças se a virgem ouvisse a sua súplica. O povo acorreu ao altar da Senhora pedindo o favor da sua ajuda e foi ouvido. Os danosos bichos desapareceram e os campos e hortas voltaram ao seu vício primitivo. Mas a tradição não fica por aqui... quando se soube na freguesia que os gafanhotos tinham levantado voo, os Lousenses correram aflitos ver em que estado tinham ficado os campos, e as suas searas, pois não acreditavam facilmente que tinha sido um milagre da Virgem. Porém nem todos correram. Um alegre casal (Timoteu e Micaela), ficaram a dançar de alegria no adro da igreja com as suas oito filhas, pensando e bem, que aquele acto de alegria poderia servir de agradecimento a quem depressa lhes tinha ocorrido. Os que regressaram depois de ver as suas hortas e searas juntaram-se àquela família dando largas à sua alegria. E quando todos entraram na igreja para agradecerem À senhora, esta desceu as suas mãos para que todos expressassem o seu agradecimento.

Recolha efectuada na Lousa – Concelho de Castelo Branco

LENDA DAS FORMIGAS

O local é conhecido por Torre, mais especificamente um dos seus cabeços foi o berço da freguesia do Louriçal do Campo e a história até tem as suas razões, pois as povoações antigas costumavam existir em pontos altos, para melhor se defenderem dos inimigos, do que nos pontos altos, para melhor se defenderem dos inimigos, do que nos pontos baixos onde se situa actualmente o Louriçal do Campo. Mas segundo contam os mais velhos um inimigo pelo que eles não esperavam fez mudar o Louriçal para 2 Km mais abaixo. Pois foi uma epidemia de formigas que fez mudar o Louriçal para mais abaixo com menos rochas e para melhor se defenderem das formigas.

As pessoas instalaram-se depois da Ribeira Ocreza talvez porque as formigas não passavam tão facilmente pela água.

Recolha efectuada na Lardosa – Concelho de Castelo Branco

A MULHER E OS ANJOS

Havia na Mata, uma senhora chamada Maria Isabel que dizem as pessoas tinha o poder de falar com os anjos. Essa senhora sentava-se à porta, juntando as crianças e adolescentes em seu redor e contava-lhes o que a geração dos seus filhos e neto ia ter. dizia ela na altura que as mulheres iam andar atrás dos homens como cães atrás das cadelas. Havia de haver tantos carros no ar como no chão.

Quando dizia isto ainda não tinha visto nenhum automóvel. Havia de haver muitos sapatos sem calcanhar, saias pela meia perna e mais tarde saias com um palmo. As mulheres haviam de casar hoje e abandonar o marido para outro ao fim de uns tempos. Havia de haver muitos cavalos sem tripas e uma electricidade muito grande tanto no ar como no chão. Os miúdos riam-se quando ela dizia isto, chamando-a mesmo de maluca. Ela não ligava e dizia apenas que era verdade. Então voltavam a perguntar-lhe quem lhe contava. Ela respondia que eram os anjos que lhe contavam tudo, quando de noite lhe vinham cortar as unhas dos pés.

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

JOÃO SOLDADO

Havia um rapaz chamado João que foi chamado para a tropa. No fim de 24 anos de servir saiu. Quando acabou dizia ela que o primeiro e o último que tinha ganho foi um pão e quatro vinténs. Vinha ele a caminho de casa com o seu ordenado quando lhe surgem dois homens pedindo esmola. Era Nosso Senhor e São Pedro. Partiu o pão ao meio em metade a cada um. Foram embora e ele continuou seu caminho. Mais à frente voltaram a aparecer-lhe Nosso Senhor e São Pedro, pedindo esmola. João Soldado disse-lhes: - Bem me lembro, acho que já lhes dei esmola, mas pensando bem João Soldado serviu o rei 24 anos o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vinténs, o que é meu é dos outros, tomai lá. – E dividiu os quatro vinténs. Pedro chegou-se ao Nosso senhor e disse: - Ó mestre, ele ficou em nada, como vai ele agora fazer. – Nosso Senhor respondeu: - Não te preocupes. Voltou-se para João Soldado e perguntou: - O que queres tu para ganhares a vida? Este respondeu: - O que eu queria mesmo é ter de que comer e que ninguém fizesse pouco de mim. Nosso Senhor entregou-lhe um bernal dizendo: - Pega nele e põe-o às costas, quando quiseres comer, basta dizer, “Abre-te bernal, estende-te pano e põe-te mesa”. Logo terás tudo do bom e do melhor. E assim era, João Soldado tinha tudo. Um dia ao passar por uma feira, estava um feirante a assar uma chouriça. João Soldado, deu um ai e disse: - Oh, chouriça salta para o bernal. Logo a chouriça deixou as brasas, passando por cima da cabeça de um freguês e veio directo para o bernal de João Soldado. O feirante quando ia comer a chouriça não a tinha. Como este se lamentava pela perda da chouriça, João Soldado voltou a dar-lha. Seguiu este o seu caminho. Ia cansado e com fome, quando chegou a uma aldeia e pediu pousada. Na primeira casa disseram que não tinham quartos. Indicaram-lhe uma casa onde se comia e bebia bem. Havia lá muitos quartos, mas que ninguém lá queria pernoitar, pois andava lá o medo. Pois aí tinha morrido um condenado. João soldado disse: - É para aí mesmo que eu vou, não tenho medo.

Chegou e puseram-lhe logo a mesa com tudo o que queria juntamente com um garrafão. Quando bebia ouviu dizer lá em cima, no telhado: - Ai que eu caio, ai que eu caio. Responde João Soldado: - Cai se quiseres, João Soldado serviu o rei 24 anos, o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vinténs por isso nem teme nem deve. Continuou a beber, logo caiu um braço. Nada importou, continuou a beber. Tempos depois ouviu outra vez a voz: - Ai que eu caio, ai que eu caio. João sem medo voltou a dizer: - Cai se quiseres, João Soldado serviu 24 anos, o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vinténs por isso nem teme nem deve. Logo caiu uma perna. João Soldado ficou passivo, continuando sua refeição.

Tempos depois voltou a ouvir: - Ai que eu caio, ai que eu caio. Voltou João soldado a dizer: - Já te disse cai se quiseres. João soldado serviu rei 24 anos, o primeiro que lhe tirou foi um pão e quatro vuntens por isso nem teme nem deve. Caiu o corpo do condenado, que tinha ido para o inferno e cuja alma pairava sobre a pousada. O diabreto voltou-se para João Soldado e disse:

- Agora vais ter de te haver comigo. João Soldado respondeu:
- Vem daí, mas antes aconselho-te a subir aquela árvore e comeres umas frutas, enquanto eu acabo de comer. O diabreto assim fez, subindo de seguida à árvore. João Soldado, assim que o viu no alto pegou no seu bernal e pô-lo às costas. Quando o diabreto saltou da árvore já satisfeito, João Soldado ordenou:
- Salta para o bernal. Este não queria, mas a tentação foi maior que ele e entrou. Quando João Soldado o apanhou lá dentro começou a bater-lhe com um pau. O diabreto voltou para o inferno todo partido. Quando lá chegou explicou ao diabo o que tinha sucedido. Este, todo zangado replicou: - Deixa lá, agora vou lá eu. Meteu pés a caminho. Quando lá chegou, João Soldado continuava a comer e a beber. Voltou-se para o diabo para João Soldado e disse: - Venha daí. Quando este se levantou João Soldado disse: - Salta para o bernal. Este acabou por entrar e voltou a bater-lhe com o pau. Quando saiu, saiu todo partido. Voltou para o inferno e mandou chamar ferreiros de ferro, pois não queria que João Soldado lá entrasse. Não havia força nenhuma que o derrubasse.

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

AS BRUXAS DA MATA

Havia na Mata, uma senhora, já com 45 anos e não tinha filhos. Quando saía para a horta com o seu marido, dizia às suas vizinhas: - Oh! Vizinha, se os meus chorarem, faz favor de os ir buscar, e dar de comer. As vizinhas respondiam: - “Nosso Senhor não é surdo, ainda a há-de castigar”. No ano seguinte, ficou grávida e teve 2 filhos gémeos. Como era de idade, não tinha leite que chegasse para os dois. Quem os criou foram duas cabras que ela possuía. Depois voltou a ficar grávida e teve um trio. Duas meninas e um menino, eles também foram alimentados com o leite das cabras.

Havia por outro lado, um preconceito muito grande com respeito À existência das bruxas. Entre as 24h00 e a 1h00, ninguém saía à rua. Diziam que era a hora das bruxas se juntarem na encruzilhada das ruas para executarem suas danças e maldades. As pessoas acreditavam que existiam, apesar de nunca as verem. Desconfiavam de certas pessoas.

Muitos casais descobriam-se unas aos outros. Se por acaso um deles acordasse a essa hora, e não visse seu companheiro (a) na cama, era porque ele (ela) também era bruxo (a). Então toda a gente ficava a desconfiar dele (a). Para fazer mal às pessoas, eles sacrificavam animais. Há quem diga que é verdade, pois foram vistos por duas vezes; numa oliveira, no seu último ramos mais fino, uma cabra enfiada pela cabeça num dos galhos do ramos, coisa extraordinária. A cabra nunca se ia enfiar nesse galho enfiando-o na boca até ao rabo. Depois o galho, por mais fino que fosse, e por mais gorda que a cabra fosse, este nunca vergava. Dizem as pessoas que isso só é obra das bruxas.

Quem cozia pão, tinha o quarto onde estava, sempre fechado à chave. Pois as bruxas divertiam-se com o pão. Levavam-no até à cozinha, faziam uma cruz no chão com o pão. Este ficava com a parte de baixo voltada para cima. Dizem os antigos que dá má sorte colocar o pão na mesa com a parte de baixo para cima.

Minha avó, contou-me uma história passada com ela quando ainda era recém-casada.

Meu avô, veio com o dinheiro do dia e deitou-se para cima da mesa todo amarrotado. Minha avó foi fazer o comer e esqueceu-se do dinheiro. A irmã do meu avô foi lá a casa pedir um copo de água ao qual minha avó respondeu que podia beber em baixo pois estava mais fresca. Quando esta última abalou, minha avó lembrou-se do dinheiro. Foi ver e o dinheiro tinha desaparecido. Quando meu avô chegou, ela contou-lhe o sucedido, este não acreditou que a irmã fizesse uma coisa dessas. Tiraram tudo quanto havia de em cima da mesa e sacudiram a toalha. Mas nada, nem rasto do dinheiro. Minha avó muito descontente pegou no balde da comida

de porco e pô-lo na cabeça. Chegada entre as portas, voltou a olhar para a mesa e começou a lamentar a perda da jornada, pois fazia-lhe muita falta.

De repente a sua atenção é chamada para um canto da toalha quadrada. Chamou meu avô e disse-lhe: Ó Joaquim olha, olha bem. Vês o que eu vejo? – Sim, responde este – é o dinheiro. Está como se colado, ponta contra ponta e como se tivesse sido passado a ferro. Ela ficou contente de encontrar o dinheiro mas ficou descontente de pensar que as bruxas andavam a brincar com ela. Pois a irmã do meu avô não podia nem que quisesse deixar a nota tão direitinha, nem negas.

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

O VELHO O MENINO E O BURRO

Era uma vez um velho, um menino e um burro e foram a uma feira. Passaram numa barra e as pessoas começaram logo a “mermurar” porque não iam montados. Então o velho montou o menino no burro. Passaram noutra aldeia e as pessoas tornaram a “mermurar” se o velho não se envergonhava de ir a pé que era mais velho e o menino a cavalo. Então o velho tirou o menino e montou-se ele. Passaram noutra aldeia e as pessoas de novo “mermuram” de ir o velho montado e o menino a pé. Então o velho resolveu montarem-se os dois. De novo passaram noutra aldeia e as pessoas denovo “mermuraam2 se o velho não tinha pena do burro e irem os dois montados. Então o velho disse: “não sei como hei-de calar a boca ao mundo, mal se vou a pé mal se vou a cavalo.”

Recolha efectuada na Mata – Concelho de Castelo Branco

ORIGEM HISTÓRICA DA PÓVOA DE RIO DE MOINHOS

O facto da Póvoa de Rio de Moinhos estar localizada entre o Ocreza e a Ribeirinha foi explicado durante muito tempo, pela quantidade de águas que a Ribeirinha levava, a tal ponto de saírem do leito e alagarem os campos vizinhos de uma fazenda denominada Mortogão e Mourarias. Tentando escapar deste incidente os habitantes resolveram edificar pouco a pouco as suas casas de habitação neste local, onde hoje se situa.

Estando mais defendidos de semelhantes incidentes foram-se aglomerando pouco a pouco dando origem à Pova ou Póvoa.

Assim, chamava-se Póvoa de Rio de Moinhos por estar situada entre dois: O Ribeirinha e o Ocreza, que mais abaixo se unem e fazem um afluente do Tejo, e Moinhos por existirem nesta região muitos moinhos, estando actualmente alguns em funcionamento.

**Recolha efectuada na Póvoa de Rio de Moinhos
Concelho de Castelo Branco**

NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Há na Póvoa uma lenda sobre capela da Sr.^a da Encarnação que diz o seguinte: A capela da Sra. Da Encarnação pertencia à Póvoa mas estava situada no terreno de Tinalhas. Foi naquele lugar da quinta do Sr. Visconde de Tinalhas porque havia lá um cabeço de Nossa Senhora da Encarnação no qual diziam que a Sra. Aparecia a cavalo num burrinho (o cabeço é o mais alto desta zona e é espantoso como ele se segura). Começando as pessoas a ter muita devoção pela Santa, resolveram dedicar-lhe um dia de festa – Segunda Feira de Páscoa – e fizeram-lhe um santuário. Nessa festa religiosa participavam a duas povoações, visto a Santa ter aparecido em terrenos de Tinalhas e ser também disputada pelas gentes da Póvoa. Começaram as bulhas e os homens de Tinalhas à noite roubavam a Santa, mas dizem, ninguém sabia como. No dia seguinte a Santa aparecia sempre na Póvoa. As pessoas da Póvoa diziam que não havia dúvidas de que a Santa preferia a Póvoa pois voltava sempre para lá. Mas a festa continuava a fazer-se com as duas povoações. Até que num certo dia, uma menina estava sentada no muro da cerca e veio um rapaz de Tinalhas que a empurrou. Aí ela caiu e vieram os pais de ambos. Houve uma grande zaragata entre gentes da Póvoa e as de Tinalhas conseguindo os da Póvoa expulsar os de Tinalhas, tendo ficado com a Santa. As pessoas de Tinalhas estavam terminantemente proibidas de visitar a capela da Santa. Por rivalidade, estas fizeram

uma capela, compraram uma Santa e começaram a fazer festas na mesma Segunda Feira de Páscoa.

Entretanto surgiram várias quadras que se cantavam por rivalidade.

**Recolha efectuada na Póvoa de Rio de Moinhos
Concelho de Castelo Branco**

LENDA DO CABEÇO DA CANTAREIRA

Contam os antigos que no Cabeço da Cantareira existiam Mouros e Mouras encantados, e que viviam em profundas e longas cavernas. E as pessoas começavam a ver os Mouros quando para lá iam com os rebanhos de gado. Mas quando começaram a falar da existência desses Mouros nessas cavernas, havia pastores que deixaram de para lá ir porque tinham medo, apesar de dizerem que os Mouros tinham lindos rostos e não lhes faziam mal só faziam gestos da porta das cavernas. E se alguém para lá ia de manhã cedo encontrava sempre montes de carvão perto das cavernas.

As pessoas nesse tempo para irem À missa tinham que lá passar perto porque só havia uma capela nas Sarzedas, em Santo André ainda não se dizia missa, e então as pessoas iam em grupos. Havia uma certa mulher chamada Joana que tinha uma filha chamada Felícia, que dizem ser essa menina muito bonita. Então a mãe todos os Domingos quando ia para a missa antes de passar o cabeço sujava a cara da menina com o medo que os Mouros lha roubassem. E dizia para a filha:

- Anda para aqui Felícia que pode vir um Mouro encantado e roubar-te!

As pessoas antigas sempre disseram que nessas cavernas existia riqueza. Conta a lenda que quando uma pessoa fazia uma casa ou outra coisa qualquer de valor que necessitava de dinheiro, e outra lhe perguntava onde é que arranjou dinheiro dizia:

- Olha foi ao cabeço da cantareira!

E ainda hoje pessoas que utilizam essa expressão. Há até quem sonhasse com arcas cheias de ouro!

**Recolha efectuada em Santo André das Tojeiras
Concelho de Castelo Branco**

LENDA DO MARMELEIRO DO FRANCÊS

Aquando da primeira invasão francesa o exército invasor seguia da Covilhã em direcção a Castelo Branco.

Sendo informados da resistência que os guardava na soalheira, alteram o seu itinerário. No Salgueiro do Campo o povo escondeu-se onde podia, levando consigo alimentos e pequenos tesouros, pois os Franceses eram vistos como filhos de *Mafarrico*. a resistência foi feita coma a organização de pequenos grupos, tendo ficado um pequeno destacamento Francês no Salgueiro. O mesmo foi despachado aquando da vitória Anglo-Portuguesa sobre França. Quando a alegre notícia da expulsão dos Franceses chegou ao Salgueiro logo o tirano Francês foi duramente castigado. Após ter sido espancado foi enterrado vivo perto do cemitério. No local foi enterrada a vara de marmeleiro que ganhou que ganhou raízes e se transformou num grande marmeleiro, a que se chama o marmeleiro do Francês.

**Recolha efectuada em Salgueiro do Campo
Concelho de Castelo Branco**

A LENDA DA MOURA

Noutros tempos existia no Salgueiro do Campo uma barraca no sítio da Penha, que lhe chamavam a Casa da Moura. Esta, tinha dantes, à maneira de um altar que foi destruído por um pedreiro, que a utilizou na construção da sua casa na Rua da Serra.

Embora a referida pedra da Casa da Moura não chegasse, fez no entanto parte da obra.

No entanto, a lenda que ainda hoje é conhecida pelos Salgueirenses, conta que a referida Moura enterrou na Penha uma caldeira cheia de moedas de ouro.

A caldeira, porém, nunca foi encontrada, pois segundo a mesma lenda a sua asa gastou-se devido ao constante passar dos rebanhos.

**Recolha efectuada em Santo André das Tojeiras
Concelho de Castelo Branco**

TRINÂNGULO DAS TRÊS CAPELAS

Conta a lenda que Santa Cruz, S. Brás e S. Tiago eram três irmãos e que estes demonstraram o desejo de que as capelas em sua honra se avistassem umas às outras.

E na verdade assim acontece. Da capela de Santa Cruz existente no Sobral do Campo avista-se a capela de S. Brás no Barbaído e a de S. Tiago que se encontra na Partida.

**Recolha efectuada em Sobral do Campo
Concelho de Castelo Branco**

O ESCORPIÃO E O TESOURO

Por baixo de uma rocha que está situada junto à capela de Santa Cruz no Sobral do Campo, dizem que há um grande escorpião que guarda um tesouro. Mas ninguém se atreve a ir desenterrar o tesouro porque se alguém o fizer, deparará com a cabeça do escorpião. Nessa altura pode-se matá-lo e ficar com o tesouro. No entanto se se deparar com a cauda poderá morrer.

**Recolha efectuada em Sobral do Campo
Concelho de Castelo Branco**

A LENDA DAS FORMIGAS

Existe à entrada do Sobral do Campo um cruzeiro, num local chamado *Chaparral*, cruzeiro este que anteriormente não estava ali mas sim num local situado a dois quilometro, *Fonte dos Alamos*.

Segundo a história foi nesse local que se iniciou a construção da povoação. Acontece que nesse local existia grande quantidade de formigas, que frequentemente atacavam as crianças, especialmente os bebés. Devido a tal facto foi necessário mudar a povoação local.

Quanto ao cruzeiro este continuou na Fonte dos Alamos até 1952, altura em que a junta de freguesia ordenou que a transferissem para o local onde está hoje.

**Recolha efectuada em Sobral do Campo
Concelho de Castelo Branco**

O RAPAZ E OS LOBOS

Conta a lenda, que m rapaz namorava uma rapariga e que uma noite resolveu ir vê-la às escondidas dos pais. Para isso colocou debaixo dos cobertores várias almofadas dando a impressão de lá estar.

A mãe do rapaz acordou sobressaltada com a sensação de que o filho não estava em casa. Levantou-se, foi ao quarto dele e vendo o vulto voltou para a cama. Mas continuava inquieta. Levantou-se novamente dirigiu-se à cama do filho, destapou as almofadas e viu que este não estava lá. Imediatamente ela, o marido e mais algumas pessoas se puseram à procura dele.

Foram encontrá-lo no meio do mato com um pau na mão rodeado de lobos. Quando o viram, gritaram:

- Descansa que já aqui há quem te valha.

O rapaz distraiu-se e imediatamente e os lobos aproveitaram essa distração para se deitarem a ele e o desfazerem. A lição que nos pretende dar esta lenda é a seguinte:

Se as pessoas tivessem agido silenciosamente; e anteriormente pedido ajuda a S. Sebastião (padroeiro da freguesia) em princípio tudo teria corrido pelo melhor: mas em vez disso precipitaram-se e querendo mostrar que eram fortes e que nada havia a temer, a desgraça aconteceu.

**Recolha efectuada em Sobral do Campo
Concelho de Castelo Branco**

LENDA DA SENHORA DA ORADA

Uma donzela da vila, filha de pais honrados, foi acometida de uma terrível moléstia que lhe fez inchar muito o ventre.

O pai pensando que ela se tinha esquecido do que devia a si e aos seus, levou-a a um lugar cheio de matos e bosques incultos, onde havia muitos animais ferozes, decidido pôs a filha à ferocidade deles. Esta, que estava inocente, implorou à misericórdia da Santíssima Virgem, a qual lhe apareceu, dizendo-lhe que não temesse nada que ela lhe valeria. Disse-lhe que o inchaço era produzido por uma cabra que se havia gerado no ventre, que fosse para casa e dissesse ao seu pai que mandasse aquecer um pouco de leite e que ao cheiro dele, sair-lhe-ia a cabra pela boca. Assim fez e o resultado foi como se esperava. O pai da Donzela, mandou logo construir na tal brenha onde tinha exposto a filha, e na ermida colocou a pele de cabra.

O local da aparição da Nossa Senhora da Orada, em memória da oração que ali fizera a filha, e na ermida colocou a pele da cabra.

O local da aparição da Nossa Senhora da Orada encontra-se assinalado com uma cruz de pedra, que fica próximo da capelinha.

Recolha efectuada em S. Vicente da Beira
Concelho de Castelo Branco

ACONTECIMENTO EM S. VICENTE DA BEIRA

HÁ SECULOS ATRÁS

Uma rapariga foi beber água num ribeiro. Quando bebeu a água engoliu uma cobra pequenina e depois a cobra foi crescendo e o ventre da rapariga também crescia. O pai pensando que ela andava grávida foi pô-la a um monte chamado Couto, para as feras a devorarem e ela rezou muito e pediu a Nossa Senhora para lhe acudir. Depois Nossa Senhora apareceu-lhe e disse-lhe:

- Vai para casa e diz a teu pai que ponha uma caldeira com leite a ferver ao lume e que te debruce para dentro do leite e o que tens lá dentro, te sairá.

A rapariga regressou e fez o que Nossa Senhora lhe tinha dito e uma cobra lhe saltou lá de dentro.

O pai em agradecimento a Nossa Senhora mandou construir uma capela no local do milagre em honra a Nossa Senhora da Orada. A partir daí todos os anos fazem uma festa no quarto domingo de Maio onde vai muita gente e onde já tem havido mais milagres.

Recolha efectuada em S. Vicente da Beira
Concelho de Castelo Branco

TABERNA SECA

Diz a lenda que os primitivos habitantes se estabeleceram num local a cerca de dois quilómetros para Norte da actual Taberna Seca e a cerca de uns 500 metros para cá do rio Ocreza. Foi aí situada com o nome de *Casalinhos* e ainda hoje se pode bem observar em dois cabeços a pouca distância um dos outros dois casebres, pois em qualquer deles existiam ainda parte das divisórias. Pode até concluir-se que devido às fracas condições de alojamento da época, que ali deviam habitar quatro ou cinco famílias. Diz a lenda que estes primeiros habitantes foram obrigados a abandonar este local pelo motivo das famílias comerem os olhos aos seus filhos recém-nascidos que deixavam a dormir enquanto os pais se ocupavam na sua faina agrícola. Esses habitantes resolveram então estabelecer-se onde é hoje a actual Taberna Seca, com o nome de Airosa passando mais tarde a denominar-se Taberna Seca, pelo motivo de chegar a este local um grupo de almocreves ou mercadores, que acabaram com o vinho numa fraca taberna já

ali existente nessa época. Deriva daqui o nome da Taberna Seca, porque os mesmos queriam beber mais e já não havia vinho.

Recolha efectuada em Taberna Seca - Concelho de Castelo Branco

LENDA DOS MOUROS

Contam as pessoas mais idosas de Tinalhas, que num terreno chamado *Chão da Capela* (outrora pertencente ao Visconde de Tinalhas) havia uma mina - a dos Mouros. Nessa mina diziam que havia mesas, bancos, camas, tudo feito em pedra.

Diz-se que aí viveram os Mouros durante muito tempo aquando da sua estadia cá.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

LENDA DA COBRA

Via-se uma cabra com um olhar muito estranho, que até parecia humano no Ribeiro das Oliveiras. A cobra aproximava-se das crianças recém baptizadas que as mães deixavam nos seus berços debaixo das oliveiras. Ao verem a cabra as mães fugiam aterrorizadas com os seus filhos num lado e a roupa no outro.

Caso estranho é que a cobra se levantava a observar as crianças como se esperasse algo delas. As mães aflitas contaram ao padre. Este disse que isto acontecia quando havia recém –nascidos, possivelmente cobra queria lamber os óleos sagrados do baptismo. Provavelmente tratava-se de uma Princesa encantada que com os óleos sagrados quebraria o seu feitiço. Depois disto a cabra com os filhos debaixo das oliveiras. Dizem que a cobra já tinha sugado os óleos sagrados e quebrado o seu feitiço.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

LENDA DAS BRUXAS

As pessoas mais idosas de Tinalhas contam por vezes, que nos seus tempos havia bruxas, as quais saíam de casa entre a meia noite e a uma da madrugada. Encontravam-se nos cruzamentos onde dançavam nuas (mas ninguém as via, pois eram invisíveis e não se conheciam umas às outras).

Se desse a daladada da uma hora no relógio da torre e elas não estivessem já em casa, já não podiam ficar na rua sem serem vistas nuas.

Conta a lenda que uma vez houve uma que deixou que batesse a uma hora sem ir para casa, foi apanhada por um homem, toda nua que a reconheceu e viu que era sua tia.

Também uma mulher, certa noite estando na cama, sentiu um grande peso em cima de si e sentiu-se *afoguentada*, mas não conseguiu gritar nem sequer falar. Então pensou para consigo credo e ao proferir silenciosamente esta palavra começou a sentir o peso diminuir a sentir-se menos sufocada. Benzeu-se muitas vezes e meteu-se debaixo dos cobertores sem voltar a ser importunada por nada semelhante.

Outro dos episódios das bruxas, foi o de um homem que saiu de casa à meia-noite e encontrou ma galinha que a cada pancada que se lhe dava, cantava. “Era uma bruxa”, disse o homem.

Conta-se ainda que há já muitos anos uma mulher que fora cozer o seu pão no forno do povo, à uma hora menos cinco minutos saiu do forno com o tabuleiro de pão à cabeça, quando viu um cavalo a correr atrás dela e muito aflita fugiu para um balcão de pedra que ali se encontrava. O cavalo foi atrás dela mas assim que soou a badalada da uma da manhã o cavalo desapareceu misteriosamente.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

A SENHORA DO MIRADOURO

Esta capela apareceu em Tinalhas devido a uma promessa, segundo reza a lenda. Na altura da 1ª invasão Francesa 1807 – 1808, os habitantes de Tinalhas, ouvindo dizer que os franceses matavam as pessoas, fizeram uma promessa; promessa que consistia em que os Franceses não conseguissem levar nada, construiriam uma capela no cimo do morro que ali existia.

Quando os Franceses chegaram as pessoas refugiaram-se todas no cimo do morro. Como os Franceses vinham a cavalo não conseguiam de maneira nenhuma escalar o morro. Então danados exclamavam:

- Avança cavalo, não sabemos que Santo é este que tremendo milagre faz!

No momento em que eles tentavam subir, ouviam uma voz que dizia:

- Avança barreira, avança.

Assim, eles não levaram nada. Então como havia sido prometido a capela foi construída em cima do morro e foi-lhe posto o nome de Capela da Sra. do Miradouro.

Dizem ainda que é o Santo de devoção dos rapazes que vão à inspecção. Já lá vão alguns anos em que os rapazes que iam à inspecção, faziam uma grande festa, com Missa e Procissão pelas ruas da aldeia.

Recolha efectuada em Tinalhas - Concelho de Castelo Branco

ANTES DO POVOAMENTO DE ORJAIS E BORRALHEIRA

Tudo teve início na Serra de Nossa Senhora das Cabeças (Abas da Serra da Estrela) onde existia um castro e morava um senhor muito rico com os seus servidores. A terra que se situava entre a Serra até ao Rio Zêzere tinha o nome de *Campos de Trigo*. O dono daquelas terras tinha uma filha que casou com Viriato, atribuindo assim a região da Serra da estrela à Beira Baixa. Aquela região foi abandonada. Os moradores levaram consigo o que puderam, deixando o resto aos invasores.

Fugindo ao longo do rio Zêzere o perigo era constante por causa das emboscadas, então para que pudessem fugir com mais velocidade quando chegaram à actual Borralheira enterraram o seu tesouro que mais tarde pensavam vir recolher, quando tivessem oportunidade. Infelizmente essa oportunidade nunca ocorreu, ficando assim o tesouro enterrado.

Recolha efectuada na Borralheira - Concelho da Covilhã

O CABEÇO DO JUIZ(O) DE FORA

Neste cabeço, situado na Serra da Gardunha e “a avistar para Castelo Novo”, encontrava-se uma imagem de pedra, com bancos em pedra, para onde uma família se mudou nos tempos das grandes guerras. Lá e cima havia uma barroca com água onde os pastores iam dar água ao gado e às vezes botavam-se à bulha por causa do gado que se misturava. Então era nesse cabeço onde morava a tal família de fora que os pastores consultavam o juiz(o) que decidia as pertenças do gado.

Recolha efectuada em Alpedrinha - Concelho do Fundão

SÃO JORGE

Antes o Anjo da Guarda era o Santo de Alpedrinha, mas foi levado para o Fundão emprestado pouco antes de a sede do concelho ser mudada para lá e então durante a viagem (pela estrada Romana que leva ao Fundão) e até ao alto da serra o Santo foi virado para Alpedrinha, e a partir do alto da serra (sobranceira de Alpedrinha) foi virado para o Fundão, foi assim porque sabia que não mais ia voltar, para se despedir-se de Alpedrinha.

Recolha efectuada em Alpedrinha - Concelho do Fundão

LENDA DE S. SEBASTIÃO EM JANEIRO DE CIMA

Cerca do ano de 1757-58, a população de Janeiro de Cima foi assolado por uma forte epidemia, devido à qual sucumbiu uma grande parte do número de habitantes de então. As mortes eram em tão grande escala e o medo que a epidemia se alastrasse era de tal ordem, que muitas vezes as pessoas ainda não haviam morrido completamente, e já as estavam a enterrar. Segundo a lenda a perda de vidas teria sido maior se não tivesse sido a divina interferência de S. Sebastião. A história que passou de geração em geração, é esta: Os Janeirenses ao verem dia a dia a sua população diminuir, decidiram recorrer a S. Sebastião, advogado das pestes, guerras e epidemias, pedindo que os ajudasse. Como não tinham a imagem do mártir, pediram-na à aldeia vizinha, Janeiro de Baixo. Mas os habitantes de Janeiro de Baixo, receando que a epidemia se alastrasse para outro lado do rio, não permitiram que os habitantes de Janeiro de Cima fossem à sua aldeia buscar o Santo. Na manhã seguinte, vieram eles mesmos, de madrugada, colocar o Santo na margem esquerda do rio, partindo imediatamente tal era o seu medo. Como o Santo afastou a peste, os Janeirenses cumpriram o que lhe haviam prometido; construíram-lhe uma capela e compraram uma imagem do Santo, celebrando no dia 20 de Janeiro de cada ano a sua festa. Nessa festa 16 Janeirenses oferecem 100 pães e 5 litros de vinho começando-se a dádiva no cimo da aldeia e dando a volta completa. A festa ou

tradição, mantém-se ainda hoje, oferecendo os Janeirenses este bodo, pão e vinho, a quem se encontrar no local. Esta é uma das tradições mais pitorescas desta aldeia.

Recolha efectuada em Janeiro de Cima - Concelho do Fundão

LENDA DOS JANUÁRIOS

Por volta do século XVI, XVII, (não se sabe a data ao certo), um senhor, talvez nobre, possuidor de grandes bens e terras nas duas margens do rio Zêzere, resolveu, ao morrer, legar os seus bens aos dois filhos de nome Januários. Entregou a um as terras da margem direita do rio, ao outro as da margem esquerda. Assim nasceu Janeiro de Cima na margem esquerda de Janeiro de Baixo na margem direita.

Mas Janeiro de Cima não começou a sua formação no local onde hoje se encontra. A primeira pedra foi lançada numa pequena elevação ainda hoje chamada “Esmoroços”, local onde construíram a sua primeira igreja, uma capela em honra do Divino Espírito Santo. No entanto, nos Esmoroços as formigas eram muitas e atacavam os berços das crianças, principalmente no Verão. Foi então que os antigos, que eram muito sabidos, decidiram soltar no local que esses animais que possuíam (burros e vacas) por uma noite; no local que esses animais fossem pernoitar construíram eles as suas casas parecem cair aos pedaços, perguntando-se as pessoas como é que elas ainda se mantêm de pé. A partir desse cabeça é que a povoação se começou a alargar formando hoje uma das maiores freguesias do Fundão.

Recolha efectuada em Janeiro de Cima - Concelho do Fundão

LENDA DE JANEIRO DE CIMA

Segundo diz a lenda Janeiro de Cima, aldeia do Concelho do Fundão do qual dista 43 quilómetros, deve o seu nome aos seus fundadores, os Januários, que como diz a lenda eram filhos de um rico senhor, que resolveu dividir as suas terras peos seus dois filhos. Um ficou a morar no que viria a ser Janeiro de Cima e o outro onde viria a ser Janeiro de Baixo. Contudo a formação da aldeia não se iniciou no mesmo local onde hoje se encontra situada. Esta bela aldeia da margem do rio Zêzere, iniciou-se antes num local denominado Esmoroços um pouco mais afastado do centro da aldeia. Infelizmente as formigas eram muitas e no Verão atacavam as crianças no berço, pelo que os ancestrais decidiram que tinham de mudar de local.

Tiveram então uma ideia: deixar o gado, cabras e vacas à solta durante a noite, onde o gado fosse pernoitar seria o seu novo lar. Ao amanhecer os animais tinham-se

deslocado para um lugar denominado Vale, por e encontrar numa espécie de cova e por ter terra funda e preta. Aí estabeleceram a sua nova morada e construíram a nova Igreja que data do séc. XVII. Ainda hoje, quem for a Janeiro de Cima, encontra neste local casas ancestrais feitas de pedra de barro, prestes a caírem pela sua muita idade e uso memória de tempos imemoriais.

Recolha efectuada em Janeiro de Cima - Concelho do Fundão

O REI E A RAINHA

Na primeira carruagem
Vinha o Rei, a Rainha
Quando a tal cabrina
O Rei experimenta a coragem.
Só no chão teve paragem
Morreu sem outra esperança.
A rainha com muita ânsia
Soltou gritos de socorro:
- Portugueses vinde todos
A ver D. Carlos de Bragança
Espelho de mocidade.

- Adeus minha Mãe querida
Esposa tão amiga e tão bela
Adeus Princesa D. Amélia (Avó)
A quem eu queria tanto bem,
Adeus meu mano também
Agora ficas senhor da coroa.
Dá-te com toda a pessoa
Para se viver neste país

Que o Príncipe D. Luís
Apregue em toda a Lisboa.
Adeus amigo João franco
De minha morte causador
Queria-te mandar para Timor
Uma gente que eu gosto tanto.
Para fugires não eras manco
Tens essa felicidade
Senão tinhas a barbaridade
Que D. Carlos sofreu
Todos os dias ele morreu
Adeus ó Pátria querida.
Correm todos Portugueses
À primeira capital
Ver D. Carlos de Bragança.
Espelho da mocidade

- Correm todos Portugueses
À cidade de Lisboa
A ver D. Carlos de Bragança
Que perdeu a vida e a coroa.
- Que linda está Joaquina
Pareces uma condessa
Vestida à última moda
Já de touca na cabeça.
 - Sequer o senhor conhece-me
Sempre é muito atrevido
Não gasto à sua conta
- E que lhe importa o meu vestir?
- Estranho não ser costume
Ver-te vestida à fadista
Abandonas-te o trabalho
Nunca mais foste modista
Pelo luxo te arrastaste
Que não é dado como artista.
 - Desculpa minha senhora
Para andar asseada
Com a esteira arrebatada
E mais a mais quer Excelências
Isso não me custa nada.
 - Já tenho tido Excelências
Por outros e mais elevados
Porque não hei-de ter
Da boca dos depenados?
 - Ó sua provinciana
Olhe lá tenha cuidado
Já me coutei algum dia
Para me chamar empenado?
Guarde lá o seu Dinheiro
Que ninguém lho pede emprestado.
O seu valente assobrado
Seu escartador de carteiras
Quer fazer figurão

Sem ter vintém na algibeira
Se não quer ser já descomposto
Retire-se já da minha beira
- Trata-me bem Joaquina
Se não queres ouvir más respostas
Quem diz aquilo que quer
Ouve aquilo que não gosta
Se me fazes puxar pela língua
Eu ponho-te a cauda À mostra.
Você é que anda a dizer
Que não me vê trabalhar
Mas se eu vivi assim melhor
Para que me hei-de eu ralar?
Um artista que pode dar
Trabalha de sol a sol
Mal se pode ele sustentar
Eu tenho árvores mais fortes
Onde me posso encostar.

Nota: Joaquina, fora em tempos, uma modista. Vivia com um homem que teve de partir e deste modo deixa-la durante uns tempos. Quando este regressa a casa, encontra Joaquina muito modificada; e esta, finge já não o conhecer.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

MORENA

Morena! Não negues confessa
Que tens certa pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

Pois eu não gostava
Parece-me a mim
De ver o teu rosto
Da cor do jasmim.

Eu não me desenfio
Em fraca razão
Mas que te importa
Se eu gosto ou não?

Há rosas dobradas
De muitas outras cores
Mas rosas morenas
Só tu linda flor.

E olham ao que for
Morenas e bem
As mais lindas moças
As de Jerusalém.

A Virgem Maria
Nasceu nesse dia
Morena também
Moreno era Cristo

Vê lá se depois disso
Ainda tens pena
Que as mais raparigas
Te chamem morena.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

MILAGRES

Deus Nosso Senhor, antigamente andava pelo mundo com a Nossa Senhora. Nosso Senhor ia num cavalo e Nossa Senhora num burrinho. Andando pelo mundo encontraram um noitibó, um pássaro, que espantou a burra de Nossa Senhora. Esta então disse-lhe:

- Ah! Amaldiçoada! Espantaste-me a burra! Ia caindo. Mais adiante, levantou-se-lhe um bando de perdizes. Disse então Nossa Senhora:
- Amaldiçoada sejas notibó que me torna-te a espantar a burra. Mas, depois arrependeu-se e disse:
- Amaldiçoadas sejam as penas que a carne é para os doentes!

Continuaram e encontraram três lavradores, que lavravam as suas terras um aqui, outro além.

Nosso Senhor ia à frente e pergunta o primeiro:

- Que sementes tu lavrador?
- Semente pedras. Que lhe interessa a si o que eu semeio? – Respondeu-lhe o lavrador.
- Então com elas serás apedrejado. – Disse-lhe Nosso Senhor. Falando com o segundo lavrador perguntou-lhe:
- Que sementes tu lavrador?
- Semente cornos, que lhe interessa a si o que eu semeio? – Respondeu-lhe o lavrador. (Cornos é uma coisa que o centeio toma em certos anos.)
- Então cornos colherás. – Disse-lhe Nosso Senhor. Seguindo para o terceiro perguntou-lhe:
- Que sementes tu lavrador?
- Ai Senhor, semeio pão. – Respondeu-lhe o lavrador.
- Então pão colherás! Vem ceifa-lo amanhã por estas horas que já estará bom. – Respondeu-lhe Nosso Senhor.

Noutro tempo, na semana Santa; só se trabalhava até ao meio dia, e do meio dia para a noite era dia Santo; andava um lavrador a semear uma tapada de trigo, mas até ao meio dia não a conseguiu semear toda. Os outros trabalhadores vinham do campo, disseram então para o lavrador:

- Oh! Fraldinhas! (assim se chamava o lavrador)
- Já é meio dia mas ainda me falta semear aqui uma velga pra acabar a tapada e ainda a semeio. – Assim fez, semeou a velga. O outro trigo nasceu muito bem, mas aquela velga não nasceu. Dizem-lhe mais tarde os outros lavradores:

- Olha o Fraldinhas semeou aqui o trigo mas não nasceu. – Seria milagre ou não seria?

No outro dia, no dia de Corpo de Deus, andaram os lavradores a juntar o pão para o telheiro, tendo já juntado algum no dia anterior para outro telheiro. Depois do terem recolhido todo, caiu uma faísca que queimou o pão que foi recolhido no dia de Corpo de Deus. Ao pão que foi recolhido no dia anterior não lhe aconteceu nada. Seria milagre ou não seria?

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

OS COMPADRES

Era uma vez um casal que tinha vários filhos e a mulher era muito religiosa mas era amiga de um compadre. O marido veio a saber e começou a pensar como havia de os desmascarar.

Teve então uma ideia: quando a mulher fosse rezar aos Santos, ele escondia-se atrás do altar. Assim fez. No dia seguinte guardou a mulher e quando ela foi a rezar ele escondeu-se atrás do altar. A mulher disse então:

- Ó meu Santo cegai ou matai o meu homem. – O marido ouvindo isto respondeu-lhe como se fosse o Santo:
- Ó minha Senhora dai-lhe bastante de comer e beber que ele há-de cegar pouco a pouco. – Ao almoço a mulher disse para o marido:
- Ó homem come e bebe bastante que eu quero-te bastante forte e gordo.

Quando a mulher ia rezar, lá se escondia ele e respondia:

- Dá-lhe bastante comer e beber que ele há-de cegar pouco a pouco.

No outro dia ao almoço o homem disse para a mulher:

- Ó mulher então não vês que me anda a dar uma cegueira.

A mulher toda contente diz-lhe:

- Ó homem come e bebe pode ser que te ponhas melhor.

Tornou a mulher a ir rezar ao Santo o mesmo aconteceu. Alguns dias depois, o homem ao almoço disse:

- Ó mulher já não sei como nós havemos de fazer as vidas porque eu já não vejo nada.
- Ó homem não te preocupes que os filhos ajudam-nos.

No outro dia a mulher convida o compadre para jantar como se fosse comemorar.

No fim da janta, sentaram-se todos à mesa. Diz então o homem para o compadre:

- Ó compadre o que me custa é ter ficado cego e ainda não ter ensinado os meus filhos a caçar. Ó mulher trás-me cá a espingarda que eu ainda lhes vou dar uma explicação.

A mulher trás então a espingarda e ele diz para os filhos:

- Olhai filhos aos coelhos atira-se assim de cifrada, às lebres de corrida, às perdizes é no ar e aos que me enganam em primeiro lugar. (pum).

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

CONTO DO GROU

Era uma vez o conto do grou
o rabo do conto logo se acabou.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

DONA ALINA E DOM FLORES

Dona Alina estava grávida e queria ter o filho em casa de sua mãe. O marido não concordava, mas ela, mesmo assim foi para casa da mãe. Quando o marido soube disse:

Altos, altos meus criados
Meus cavalos a ferrar
Vou ver D. Alina
Que a quero ir matar.

Quando chega à porta diz:

Levanta-te ó D. Alina
Se te queres levantar
Se lá chego aí dentro
Pelos cabelos te hei-de arrastar.

A filha aflita diz para a mãe:

Levante-se ó minha mãe
Se se quer levantar
Que está o D. Flores à porta
Jura que me haverá de matar.

Diz novamente D. Flores da porta:

Levante-se ó D. Alina
Se te queres levantar
Se aí chego dentro
Mesmo aí te hei-de matar.

Diz novamente a filha para a mãe:

Levante-se ó minha mãe
Se se quer levantar
Dê-me cá o meu menino
Que também o quero levar.

D. Flores atou D. Alina a uma corda e prendeu-a ao cavalo. Arrastou D. Alina esta a certa altura diz:

Ollha pra trás ó D. Flores
Olha para trás se queres olhar
O cavalo era branco
E já é do meu natural.

O filho com três dias por milagre diz para o pai vendo a sua mãe quase morta:

Olhe para trás ó meu pai
Olhe para trás se quer olhar
As florinhas do campo
Por minha mãe a chorar.

Ao ouvir isso diz D. Alina:

Olha para trás ó D. Flores
Olha para trás se queres olhar
Que um menino de três dias
Será milagre falar.

Diz-lhe D. Flores:

Fica aqui D. Alina
Neste fresco areal
Que eu vou chamar o padre
Para que te venha confessar.

Respondeu-lhe D. Alina:

Pois aqui é que eu não fico
Neste fresco areal
Leva-me àquela ermida
Que além está a branquear.

Que bicuda a tua espada
Minha cova abrirás
E com as patas do teu cavalo
Minha terra patearás.
Aqui tens o meu menino
Não o dês à tua mãe
Que ela o irá matar
Entrega-o à minha mãe,
Que ela o saberá criar.

A irmã de D. Alina vingando-se da morte da irmã diz para D. Flores quando chega a casa:

Senta-te aqui ó D. Flores
Que vens cansado do caminho
Senta-te aqui nesta cadeira
E bebe este copo de vinho.

D. Flores:

Que fizeste tu ao copo
Que deitas-te tu no vinho
Eu tinha a rédea na mão
E já não vejo o cavalinho.

A irmã de D. Alina respondeu-lhe:

Deitei-lhe pós de lagarto
Deitei-lhe pós de lagarto
Daquele que era mais fininho.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

OS TRÊS HERDEIROS

Era uma vez um homem que tinha três filhos. Quando chegou a hora da sua morte chamou-os e disse-lhes:

- Filhos eu estou a morrer, mas o que me custa mais é deixar-vos tão pobres, pois não tenho mais nada para vos deixar senão uma foice, um gato e um galo. Quando o pai morreu o filho mais velho ficou com a foice, o do meio com o galo e o mais novo com o gato. Decidiram então correr o mundo. Um dia o mais velho passando por um campo de trigo viu os ceifadores a ceifar o trigo com facas e disse-lhes:

- Então vocês andam ainda a ceifar o trigo com isso? Eu trago aqui um bichinho que ceifa tudo num instante.

Ceifou um pouco de trigo coma a foice, as pessoas admiradas com a rapidez do bichinho perguntaram-lhe quanto queria por ele. O rapaz pediu-lhes muito dinheiro, mas as pessoas precisavam dele deram-lho. Os ceifadores não sabiam ceifar com ele e o primeiro que o experimentou cortou-se e disse:

- Ai raio do bicho já me mordeu! Atirou a foice para o meio do trigo as outras pessoas ao verem aquilo e a ferida do companheiro, começaram a atirar à foice, esta aquando as pedras lhe caíam em cima fazia:
- ZIM, ZIM, ZIM.....
- Atirem mais que está assanhado. – Diziam uns para os outros. E assim continuaram a ceifar com facas.

O filho do meio, certo dia, muito cedo, encontrou uns homens com carros de bois e disse-lhes:

- Então onde vão tão cedo com os carros de bois?
- Olha vamos buscar a manhã; todos os dias nos levantamos cedo e vamos buscar a manhã.
- Eu tenho aqui um bichinho que lhes poupa todo esse trabalho, todos os dias chama a manhã.
- Então quanto quer pelo bichinho? – perguntaram os homens. O rapaz pediu muito dinheiro, mas deram-lho. Todos os dias o galo cantava:
- CO-CO-RO-CO-CO e amanhecia.

O filho mais novo, certo dia passou por uma cidade onde havia muitos ratos. As pessoas andavam com grandes varapaus a matá-los, mas por mais que matassem não conseguiam acabar com ele. Quando viu isto disse para as pessoas:

- Vocês andam aí com tanto trabalho a caçar ratos com paus, eu tenho aqui um bichinho dentro desta saca que os comeria todos, - e deitou-o fora um bocadinho. Este ao apanhar-se cá fora começa logo a comer neles.

As pessoas assim que viram isto perguntaram-lhe logo:

- Quanto quer pelo bichinho?

O rapaz pediu muito dinheiro. Deram-lho e pôs-se a caminho. Quando lá ia longe as pessoas lembraram-se que não tinham perguntado o que o bichinho comia e começaram todos a chamá-lo perguntado:

- Olhe lá o que come o bichinho?

Ele responde:

- Do que a gente come.

Como já ia longe eles perceberam:

- Muita gente come.

Começaram então todos à pancada no gato até que o mataram. Assim ficaram de novo com muitos ratos na cidade. Os três irmãos que apenas tinham herdado a foice, o galo e o gato ficaram ricos e viveram felizes.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A ÁGUIA E A RAPOSA

Era uma vez uma águia e uma raposa que eram comadres. Um dia a águia convidou a raposa para ir a uma boda ao céu; a raposa respondeu:

- Eu gostava d'ir comadre mas não posso.
- Não faz mal, anda qu'eu levo-te nas unhas.

Foram as duas. A raposa ia nas unhas da águia e quando lá iam no alto diz a águia para a raposa:

- Segura-te comadre que eu quero cuspir nas unhas.

Quando disse isto largou a raposa. Esta quando vinha no ar dizia pa ma lage:

- Foge lage que te parto qu'eu vanho do céu, se escapar desta já no volto bodas no céu.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A MENINA E A ÁGUIA

Antigamente houve uma menina que foi deixada no meio da floresta. Veio uma águia e levou-a para uma rocha, para o seu ninho e criou-a. E ela fez-se uma linda donzela. Certo dia um Príncipe foi para aquela zona caçar. Ao ver aquela linda donzela quis mostrá-la aos pais. Ela já tinha noiva mas mesmo assim pediu aos pais que lha deixassem apresentar. Os pais deram-lhe permissão e quando ele já levava a rapariga para o Castelo aparece-lhes a mãe águia que lhe diz:

- Ah! Velhaca já lá vais. Deixa lá que em cara de cabra te faças. Assim aconteceu, mas o Príncipe não desanimou porque sabia a cara que ela tinha e o que se tinha passado. Chegando ao Castelo, os pais lá tiveram de a aceitar e disseram às duas noivas do Príncipe que a que fizesse o vestido mais bonito casava com o seu filho. Fecharam-nas cada uma em seu quarto e deixaram-nas sózinhas. A rapariga toda preocupada pois nunca tinha feito nada, nem sabia fazer nada chamou pela sua mãe águia. Ela apareceu-lhe então e ensinou-lhe a fazer o vestido. Quando foram apresentar os vestidos, os Reis ficaram espantados com o vestido da rapariga da rocha, porque ganhava ao da outra. Ainda não convencidos os Reis disseram:
 - Agora a que fizer melhor come é a que casa com o meu filho. A rapariga aflita chamou pela sua mãe águia que lho ensinou a fazer. No fim a mãe águia disse-lhe que quando estivesse a comer para meter todos os ossinhos para a manga do casaco. Quando provaram o comer os Reis ainda ficaram mais admirados com a rapariga da rocha, porque ganhava ao da outra. Quando estavam a comer a rapariga fez o que mãe lhe tinha mandado: começou a ditar ossinhos para a manga do casaco. A outra ao ver aquilo encheu-lhe a barriga

de porca mal ajeitada, mal educada. Os Reis ainda não convencidos fizeram um baile e disseram que a que dançasse melhor casava com seu filho. A rapariga começou a mexer-se e a dar aos braços e começaram a sair das mangas onde estavam os ossos pombas brancas e pretas.

Uma pomba branca pousou na cabeça da outra que ficou feia. Ao verem aquilo os Reis já concordaram que o Príncipe casasse com a rapariga da rocha.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A RAPOSA E A CARRIÇA

Era uma vez uma raposa e uma carriça. A raposa andava com muita fome e ia todos os dias ao tronco do carvalho e dizia:

- Oh comadre carriça deite-me um carrichinho abaixo senão eu levanto o rabo e corto o carvalho. A carriça com medo deitava-lhe um carrichinho. Três dias lá foi e em todos lhe comeu carrichinho, dizendo que lhe levantava o rabo e lhe cortava o carvalho. Ao quarto dia a raposa lá foi outra vez e disse:

- Oh comadre deita-me cá um carricinho abaixo senão eu levanto o rabo e corto o carvalho. A carriça deitou-lhe novamente um carricho, mas ficou a pensar como é que havia de se livrar da raposa. Na mesma tarde foi lá o mocho que lhe disse:
- Oh comadre carriça onde estão os teus filhinhos?
- Deitei-os à comadre raposa, que vem aí e diz que levanta o rabo e corta o carvalho. Responde-lhe o mocho:
- Ah parva! Quando ela voltar diz-lhe que rabo de raposa não corta carvalho só a força de homem e do gume do malho. No dia seguinte a raposa voltou lá e disse:
- - Oh comadre carriça deita-me num carricinho abaixo senão levanto o rabo e corto o carvalho. A carriça já tinha aprendido a lição e disse-lhe:
- Rabo de raposa não corta carvalho, só a força do homem e o gume do malho. A raposa lá se foi embora com o rabo entre as pernas. Desta maneira a carriça livrou-se da raposa manhosa.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

D. GARCIA E DONA BRANCA

Diz a lenda que D. Garcia, Governador do Castelo da Penha Garcia, raptou em certa noite de tempestade, Dona Branca, figura de grande beleza, filha do Governador de Monsanto. Este ficou furioso e perseguiu D. Garcia durante meses, até que o apanhou. A justiça impunha para estes casos a pena de morte.

Mas o Governador de Monsanto condoído por causa da filha, puniu públicamente D. Garcia, tendo substituído pena capital pelo corte do braço esquerdo. Segundo reza a lenda a figura do decepado, continua ainda, no alto das torres, vigiando e olhando o morro sobranceiro de Monsanto, causa da perda do seu braço.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

HISTÓRIA DO BURRINHO

O mundo ralha de tudo

Tenham ou não tenham razão

Vou contar-vos um história

Em prova desta ascensão.

Partiu um velho campónio do seu monte ao povoado.

Levava um boneco que tinha no seu burro montado.

Encontra uns que lhe dizem:

- Olha aquele que tal é, ele montado no burro e o pobre do velho a pé.

Então disse o velho para o rapaz:

- Desce do burro que eu monto e tu vem caminhando a trás.

Encontra outros que dizem:

- Tamanhão como uma rata, ele a cavalo do burro e o pobre pequeno à pata.
- Façamos os dois mais esta, montamo-nos os dois no burro ver se ainda nos censuram.

Encontram outros que dizem:

- Apeiem-se almas de bréu, querem matar o burrinho, aposto que não é seu.

Agora ainda lhe pegaram os dois pelas pernas e outros pelas patas, assim lhe fizeram ao burro a ver se os censuram.

Então, nesta foi uma das mais grandes censuras, tornados burros do burro.

- É mau se monto no burro, se o rapaz monta mau é. Ambos montados é mau e é mau se vamos a pé. Rapaz vamos como dantes sirva-nos esta lição, é mais tolo quem dá ao mundo satisfação.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

A RAPOSA NA VINHA

Era uma vez ma raposa qu'andava a roubar gatchos numa vinha. O dono da vinha certo dia começou a dar pa falta das uvas e no outro foi guardar avinha, encontrando-a lá em cima do sobreiro diz-lhe:

- Ó poeta tás aqui?

Respondeu-lhe a raposa:

- Andava nas minhas vinhas

A ver as novidades,

Os cães das vizinhas,

Fizeram-me esta caridade.

Diz-lhe o dono da vinha:

- Cavar nunca soubeste

Vinhas nunca tiveste.

Comer galos e galinhas

E algumas eram minhas.

Estou capaz de te tirar a fessura

Pa saia do meu gato.

Responde-lhe a raposa:

- Cala-te aí meu macaco

Qu'eu tenho ma pele

Muito linda e muito bela

Nem cão, nem bicho olha para ela.

Quando o dono ia puxar pa spingarda, ela manda um pulo e foge.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

O LOBO E A RAPOSA

Era uma vez uma raposa e um lobo qu'eram compadres. Um dia andavam uns malhadores a malhar e tinham as papas do almoço a arrefecer. A raposa disse pó lobo:

- Ó compadre e se fossemos além roubar as papas aos malhadores?
- Ai comadre seria mesmo bom, qu'eu stou com ma fome, mas como é que havemos de passar, andam lá os malhadores?
- Olhe compadre vossemecê vai po lado dos malhadores pós distrair enquanto eu vou por este lado pa trazer as papas.

Lá foram, o lobo quando chegou junto dos malhadores levou ma malha tão grande cos mongais que ficou todo partido.

A raposa muito matreira comeu as papas quase todas e ficou com um pequeno resto que pôs na testa.

O lobo quando chegou ao pé dela disse:

- Ai comadre deram-me uma malha tão grande que nem posso andar.
- A mim compadre, ainda me fizeram pior, olhe aqui até me deitaram os miolos de fora – disse a raposa.
- Ó comadre se stá assim tão mal ande no se preocupe qu'eu levo-a às costas. Quando iam no caminho a raposa começa a dizer:

- Rão, rão podre leva são.

No fim dum bocado diz o lobo;

- Ó comadre atão o que é que vai a dizer?
- Ah! É uma oraçãozinha qu'eu cá sei, pa me por melhor.

Respondeu-lhe a raposa.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

LENDA DO AI QUE FAREI

Afilha estava a dizer à mãe para ir ao baile. “Oh! Tomara que te casasses nem que fosse com o Diabo.”

A rapariga foi ao baile e logo lhe apareceu um noivo (um senhor bem preparado) que a pediu logo em casamento. Chegou-se o dia do casamento e não lhe conheciam família (ao noivo) de lado nenhum. A mãe da rapariga começou a pensar na palavra que tinha dito, logo desconfiou que o noivo da filha devia ser o Diabo. No dia do casamento a mãe arranjou uma pouca de água benta e um ramo de oliveira e disse para a filha.

- Quando te fores deitar benzes o quarto todo com esta água benta. Se o teu marido te procurar diz-lhe que é costume da terra.

Quando ela benzeu o quarto o noivo deu dois urros e saiu pela fechadura da porta. A mãe dela quis ver o que se passava lá dentro do quarto, agarrou um frasco e pô-lo na fechadura e o Diabo ao sair entrou para lá. Quando o lá sentiu fechou-o bem. Foi pô-lo numa serra muito alta a que ficou o nome de “Ai que Farei”. Depois veio um soldado da tropa que já lá andava há 7 anos e disse para a mãe que queria ir à tal serra para ver tudo de lá, mas a mãe disse-lhe:

- Ó filho não vais lá, pois nem os pastores lá arrimam. Está lá uma coisa má a chamar. “Tirai-me daqui para fora, ai que farei, tirem-me daqui!”
- Mas eu quero lá ir.

E foi, chegou lá e começou a ouvir a voz “Tira-me daqui, hei-de fazer-te feliz”.

O soldado aproximou-se e disse-lhe:

- Quem é que te meteu aí?
- Foi a minha sogra. Tu deita-me fora, que quando sair daqui vou meter-me em espírito no corpo da filha do Rei. Depois vão lá muitos médicos e não conseguem curar, mas vais lá tu e mandas-lhe voltar a cabeça para o lado dos pés, que eu depois vou-me logo embora do corpo dela e o Rei dá-te a filha em casamento. – E assim fizeram.

O Rei viu a filha muito doente e mandou chamar muitos médicos e curandeiros, mas com a condição se não fossem capazes de a curar seriam mortos. O soldado ao saber o que se passava, fez como combinado. Ao chegar ao Castelo, o Rei disse-lhe:

- Dou-te três dias para curares a minha filha, passado esse tempo se não conseguires mando-te matar tal como fiz com os outros.

O soldado ao chegar junto da princesa lá fez tal como o Diabo lhe tinha dito, voltou-lhe a cabeça para onde tinha os pés, mas o feitiço não saía do corpo da princesa. O tempo passava e só já lhe faltava um dia, para terminar o prazo.

Como já tinha poucas alternativas lembrou-se de mandar tocar os sinos em honra da princesa, ao ouvir os sinos o Demónio perguntou:

- Porque Santo replicais!?
- Por tua sogra que a mandei chamar.

Assim que ouviu o nome da sogra fugiu rapidamente do corpo da princesa com medo que a sogra viesse e o metesse no frasco de novo. O Rei ficou muito contente e tal como tinha prometido deu a sua filha em casamento ao soldado. Fizeram festa rija pelo casamento e o soldado e a princesa viveram muito felizes.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

AS DEZ VERDADES

Era uma vez um pastor que estava no campo, e o patrão ia levar-lhe lá o comer. Mas cada vez que o pastor ia a comer aparecia-lhe um homem. Ele fazia-se-lhe vergonha e oferecia-lhe de comer, o patrão levava-lhe o suficiente para ele, mas o pastor andava cada vez mais magro. Depois o patrão procurou-lhe:

- Trago-te tanto de comer e tu estás cada vez mais magro?

O pastor disse que todos os dias quando ia comer aparecia-lhe lá o tal homem. O patrão perguntou ao pastor:

- Tu não sabes rezar?
- Não, nunca aprendi.
- Então, olha quando fores comer persignas a comida fazes uma cruz por cima. “Tão longe é daqui ali, como dali aqui”.

Chegou-se a hora de comer e o homem apareceu outra vez, o pastor disse-lhe:

- Ande venha comer (mas já tinha feito a cruz).
- Se tu quisesses, que eu comesse não tinhas feito o que fizeste. Quem é que ensinou a fazer isso?
- Foi o meu patrão.
- Então já sei que sabes muito, agora tens que me dizer as dez verdades.

Da 1 – Alumia mais o sol que a lua.

Da 2 – P’ra mãos se fazem as luvas.

Da 3 – Do pau de pinho se faz o pez.

Da 4 – Da pele do boi se faz o sapato.

Da 5 – P’ra cintura se faz o cinto.

Da 6 – Do bom vinho bebem os Reis.

Da 7 – P’lo campo anda a serva (animais selvagens).

Da 8 – Do bom trigo se faz o biscoito.

Da 10 – Rebenta Diabo, que não sei quem és.

E o Diabo e rebentou e nunca mais apareceu.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

OS COMPADRES

Era uma vez dois compadres e um compadre era amigo da comadre. O outro compadre era um pouco cego e precisava urgentemente de um criado. A mulher certo dia disse-lhe, vais à terra mais próxima e trás um criado mas não tragas um Pedro. O homem lá foi, encontrou um rapaz e disse-lhe:

- Olha lá queres ser meu criado?
- Quero, respondeu-lhe o rapaz.
- Como te chamas? – perguntou-lhe o homem.
- Pedro.
- Então não te quero, que a minha mulher disse que não levasse Pedro – disse-lhe o homem.

Chegando a casa diz pa mulher:

- Olha só consegui arranjar Pedro.

Os compadres andavam a lavar pa outro patrão a ajudá-lo.

A mulher mais o compadre combinaram dela mandar ma galinha pó almoço e lha levar só a ele. O compadre disse-lhe:

- Olha, pra me diferenciases dos outros ganhões eu vou por um lençol branco sobre as vacas assim já me diferencias.

O Pedro disse pó patrão:

- Olhe eu vou consigo mas só se pá hora do almoço, quando começa a fazer calor me deixa por um lençol branco por cima das vacas por causa das moscas, porque senão no faço vida delas.

A mulher ao longe, por azar, a primeira junta de vacas que viu foi a do homem e foi lá ter. Quando lá chegou viu o compadre ao longe também a lavar e disse pó homem:

- Oh homem, anda além o compadre, não seria melhor ires lá chamá-lo que ele anda só com um bocado de pão.

O homem respondeu-lhe que não ia lá que lá fosse o Pedro. O Pedro pôs-se pronto, mas só se lhe enchessem os bolsos de nozes e figos secos para comer no caminho. Foi espalhando os figos e as nozes um aqui e outro além. Chegando lá, em vez de o convidar para almoçar diz-lhe:

- Se vir o meu patrão fuja-lhe, que ele disse que se o apanhava que o matava.

Voltou e o patrão perguntou-lhe:

- Então ele não quis vir?
- Ele disse que só vem se o patrão lá for – respondeu o Pedro.

O patrão lá foi e quando começou a apanhar os figos e as nozes, o compadre, ao longe, ao ver aquilo pareceu-lhe que vinha a apanhar pedras. Começou a fugir e o patrão do Pedro ao vê-lo fugir disse-lhe:

- Não fujas, não fujas que eu quero falar contigo.

O compadre ao ouvir aquilo fugiu ainda mais e ele nunca mais tornou lá a aparecer.

Recolha efectuada em Penha Garcia - Concelho de Idanha a Nova

O LÚIS E O CÃO

Luís morava num casal longe do povoado. Andava na escola que ficava numa aldeia próxima. Como havia muitos lobos por ali, levava sempre o seu cão, que tinha uma coleira de ferro cheia de picos. O cão brincava com os meninos no recreio. No fim da aula acompanhava sempre o dono até ao casal.

Uma tarde, quase ao cair da noite, quando o Luís regressava a casa viu no caminho um grande lobo. Luís começou a gritar e a fugir. Não havia casas perto, ninguém ouvia os gritos e o lobo cheio de fome corria para o Luís. Já o menino se sentia perdido, quando lhe apareceu o Piloto. Gritou ao cão e este atirou-se ao lobo dando tempo ao Luís de fugir.

Já o menino estava em casa quando o cão apareceu cheio de marcas e coberto de sangue. Os pais do menino ajudaram-no a tratar do cão e abraçados choravam de alegria, porque o cão livrara o seu filho da morte. Toda a gente soube e o professor disse na escola, que todos deviam ser amigos dos cães.

Recolha efectuada na Madeirã- Concelho de Oleiros

A VELHA E O LOBO

Era uma vez uma velhinha que tinha uma filha que ia casar longe da sua terra, uma boa hora de caminho. A velhinha não pode acompanhar a família logo de manhã, e só depois do sol pôr, se meteu a caminho, lembrando-se então de que tinha que atravessar um grande bosque, o qual metia muito medo por causa da escuridão que nele fazia. Mas como não tinha outro remédio, lá se meteu a caminho.

Depois de ter andado já bastante apareceu-lhe um grande lobo com a boca muito aberta e disse-lhe:

- Ó velha, vou-te comer!

A velhinha cheia de medo disse-lhe:

- Ó lobo, sou tão magrinha não há em mim que comer, deixa passar a velhinha, que do casório da filha voltará mais gorduchinha.

O lobo achou que a velha tinha razão e deixou-a seguir o seu caminho, mas no dia seguinte lá estava à espera do petisco, e então a certa altura lá estava ele.

-Ó cabaça, não viste por aí uma velha, muito velha e gorduchinha? – E com grande espanto do lobo saiu da cabaça uma voz que dizia assim:

- Eu não vi nenhuma velha, nem velhinha, nem velhão gira roda cabachinha, roda gira cabação, - mas o lobo ficou desonfiado e seguiu a cabaça. Mas, quando chegou à porta da velha a cabaça deu um grande estouro. O lobo fugiu com medo e a velha chegou à sua casa sã e salva e ainda hoje a ouvem cantar:
- Eu não vi nenhuma velha, nem velhinha, nem velhão gira roda cabachinha, roda gira cabação.

Recolha efectuada na Madeira - Concelho de Oleiros

A RAPOSA E O CÃO

Era uma vez uma raposa muito manhosa, que queria enganar um cão, então disse-lhe:

- Olha, há bocadinho passei por um poço que tinha um queijo no fundo. Então pensei que me podias ajudar a beber água para depois comermos o queijo, - disse a raposa.
- Com toda a certeza que não te ajudo, mas depois tens que me dar também um bocado do queijo.
- Está bem, então anda – disse a raposa, já com água na boca. E assim foram quando lá chegaram começaram logo a beber. O cão já não podia mais e a manhosa da raposa a fazer que bebia enganou o cão.

Depois de muito tempo o cão já tinha bebido a água quase toda. Então a raposa salta muito rapidamente para dentro do poço e para grande azar bate com o focinho no chão, porque aquilo não era nenhum queijo, mas sim o reflexo da lua.

Recolha efectuada na Madeira - Concelho de Oleiros

A RAPOSA E A CEGONHA

Certo dia a raposa matreira convidou a cegonha ara jantar em casa dela. Então fez papas de milho, mas serviu-as num prato muito razo. A pobre cegonha picava, picava, mas não comia nada e a raposa só com uma lambedada comeu tudo. A cegonha muito zangada convidou a raposa para no dia seguinte ir almoçar em casa dela e também fez papas de milho, mas serviu-as numa garrafa. A raposa não comeu nada e a cegonha comeu tudo, porque meteu o seu bico pela garrafa abaixo.

Recolha efectuada na Madeirã - Concelho de Oleiros

LENDA DE FAJÃO

Os homens de Fajão não sabiam construir moinhos, até que um dia lá passou um homem e lhes ensinou. Mas disse-lhes que o moinho nunca podia parar.

Então eles estavam sempre a moer o milho, até que um dia acabou-se o milho e o homem teve que ficar a topar a levada.

Certo dia o homem que lhes ensinou a fazer o moinho passou lá e perguntou-lhe o que é que ele estava a fazer. Ele respondeu-lhe, que se tinham que render, porque o moinho tinha acabado. O homem perguntou-lhe se ele tinha presuntos lá em casa. Este disse que sim. O homem então disse-lhe para o ir buscar que ele ficava a tapar a levada. O homem foi buscar o presunto e quando lá chegou tapou a levada com o presunto. O homem de Fajão foi a correr à povoação para contar como se tinha resolvido o caso. O outro homem trocou o presunto por uma laje do ergueu as mãos ao ar e disse:

“Bendito seja o Senhor que já transforma presuntos em lajes”:

Recolha efectuada em Fajão - Concelho de Pampilhosa da Serra.

O GATO

Um dia as pessoas de Fajão andavam a correr atrás de um rato. Passou lá um estranho e perguntou o que é que andavam a fazer. As pessoas disseram-lhe que andavam atrás de um rato para o matar. Ele perguntou-lhes quanto é que lhe dava para ele arranjar um bicho para a apanhar o rato. As pessoas disseram que davam um par de pás, um grande presunto e 30 mil reis em tostão, que era o dinheiro de Fajão. Nessas condições, o homem arranjou um gato, entregou-o às pessoas e as pessoas deram-lhe tudo o que prometeram, mas esqueceram-se de perguntar ao homem e perguntaram de longe:

- Ó Senhor, o que é que o bicho come?

Ele disse: - Come comer de gente. Só que eles perceberam, que comia gente. Com medo, eles começaram a correr o gato à pedrada. O gato, como não sabia para onde ir, decidiu fugir para um buraco do palheiro, mas não o conseguiram apanhar. Por isso meteram fogo ao palheiro julgando que o gato morria, mas ele tinha fugido.

No outro dia de manhã, eles foram ver o se o gato tinha morrido.

Ficaram espantados quando viram o gato em cima da trave do palheiro, e este começou a passar com a pata no focinho. Os de Fajão começaram a dizer que o gato os estava a ameaçar.

Andaram para cá, andaram para lá e eles fugiram com medo do gato.

Recolha efectuada em Fajão - Concelho de Pampilhosa da Serra.

LENDA DOS MOINHOS DE ÁGUA

Antigamente existiam minhos movimentados a água onde se moía o milho, que era cultivado nas terras, para depois fazerem o pão para seu alimento. Esses moinhos existiam longe da povoação e estava sempre uma pessoa a guardá-lo durante a moagem, porque havia pessoas que iam roubar a farinha.

Certo dia um senhor estava no moinho de noite e apareceram-lhe duas bruxas que o levaram para dançar a um terreiro.

Andou lá o tempo que elas quiseram e depois voltaram a levá-lo ao moinho, onde ele disse uma oração que havia na altura para as segurar, que era a seguinte:

“Santo Eroto Dominoto

Pera Barata Areate esteca”

E para as mandar embora tinha que começar onde se tinha acabado. E ele as diziam mande-os agora embora. E ele, dizia para elas se irem embora que ele não as tinha lá chamado. E elas diziam que não era assim que tinha que dizer a oração ao contrário. Ele teve que dizer com elas a oração, porque ele sózinho não era capaz. Elas foram-se embora e disseram-lhe para ele nunca dizer o nome delas senão elas voltavam e matavam-no.

Até hoje o homem não desvendou o nome delas.

Recolha efectuada no Concelho de Pampilhosa da Serra.

LENDA DE SANTA SOFIA

Santa Sofia é uma das Santas de devoção do Salvador. A sua capelinha situa-se numa elevação sobranceira à povoação. Diz a lenda que Santa Sofia, jovem e linda, tinha um cavaleiro belo, que a pretendia. Como Santa Sofia lhe fugiu o cavaleiro perseguiu-a até ao cimo do monte, onde ainda se vêem os sinais das ferraduras do cavalo onde, segundo reza a lenda, nasceram umas ervas, que têm na extremidade uns sapatinhos, que recordam o sapato perdido pela jovem Santa na sua fuga. Diz ainda a lenda que o monte sobre o qual está edificada a capelinha de Senhora Santa Sofia tem por baixo um braço de mar, que não arrasa a povoação pela protecção válida da mesma Santa, a quem atribuem a protecção da freguesia de todas as calamidades.

Recolha efectuada em Salvador - Concelho de Penamacor

A LENDA DA SENHORA QUE ORDENAVA PADRES

Antigamente, havia uma senhora que ordenava padres, principalmente os pobres. Um dia ela morreu, e na casa onde ela morava começou a haver barulhos. Ninguém podia lá entrar, lá nem os vizinhos tinham descanso. Um dia veio um padre para visitar a senhora, pois não sabia que ela já tinha morrido. Pediu a chave de casa e começou a ler um livro, e então surgiu uma voz que dizia “O que é que estás aqui a fazer meu malandro, eu já levava metade da gente desta cidade virada para o meu lado”. Até esta altura as pessoas pensavam que era a alma da mulherzinha e muitas deixavam-se ir pelas vozes que surgiam na casa, visto que a mulher era muito boa. Mas, a partir daí, o padre disse para as pessoas não acreditarem, porque era o pecado que á andava para atentar as almas.

Recolha efectuada nas corgas - Concelho de Proença a Nova

O PASTOR E A MOURA

Nas Corgas havia um pastor que costumava ir com as cabras para uma serra.

E um dia andava lá com as cabras e apareceu-lhe uma mulher, e disse para ele: “Você podia-me dar a sua corna com leite para os meus filhos?”

O homenzinho pegou na corna e foi ordenhar a sua melhor cabra. Quando acabou de urdinhar a cabra, pegou na corna e deu-a à mulher, ela disse para ali aguardar um bocadinho, que ela já lhe vinha trazer a corna, e desapareceu pelo bale. Quando voltou entregou-lhe a corna, disse obrigado e foi-se embora. Quando o pastor olhou para a corna ficou todo chateado e disse: “Dei o leite, e agora aquela vaca traz-me a corna toda suja”. E vai lavar a corna a uma nascente que por ali havia. Mas primeiro despejou os carvões que tinha dentro, lá para trás de uma moita. Quando acabou de lavar a corna ela começou a brilhar muito, e ele viu logo que era ouro, foi a correr ver onde ele tinha entornado o resto, para apanhar, mas tinha desaparecido. Dizem que eram os mouros, que aqui andavam e quando pediam alguma coisa a alguém agradeciam com ouro.

Recolha efectuada nas Corgas – Concelho de Proença-a-Nova

A CASA ASSOMBRADA

Havia um casal que morava num vale. A uma certa altura o marido morreu, e sem filhos a mulher ficou sozinha. Passado um tempo ela morreu também. A casa ficou fechada. Um dia passou lá uma pessoa do povo vizinho e deparou com tudo aberto, entrou e lá estava tudo desarrumado, roupa pelo chão, etc. No início pareceu-lhe que a casa tinha sido roubada visto que era uma casa sozinha num vale. Mas de repente começou a ouvir barulhos estranhos e vento dentro da casa, mas não ligou, fechou as portas e foi-se embora.

Quando chegou à aldeia contou o sucedido, ninguém quis acreditar, puseram pés a caminho e foram lá. Quando lá chegaram estavam as portas abertas, entraram e viram. De seguida arrumaram tudo e fecharam as portas. Mas passados alguns dias, tornou a passar lá gente e viu tudo aberto, a casa desarrumada e os mesmos barulhos. Cena esta se foi repetindo, tentavam fechar as portas e janelas mas não conseguiam, e por cada vez que lá passavam a roupa estava sempre espalhada pelo chão. Dizem que era o Diabo que lá andava, e que fazia aqueles barulhos esquisitos para apanhar almas.

Recolha efectuada nas Corgas – Concelho de Proença-a-Nova

LENDA DE UM PAI QUE ERA MAU PARA O FILHO

Andava um Rapazinho de dez anos
numa vinha de seus pais a cavar,
mas como o seu trabalho não rendia
à noite pelos pais era espancado.

O Rapaz já farto de sofrer
no mundo ouvir martírios tais
então o que pensou ele fazer:
abandonar a casa de seus pais.

Numa aldeia bem distante o garotinho
a uma porta rica foi bater
pedia-lhe com ternura e com carinho
pedia de dormir e de comer.

Então olha ó garoto escuta lá,
então porque estás abandonado?
E o garoto respondeu:
Senhor, o meu pai é um malvado.

Então olha ó garoto escuta lá
em vistas do teu pai ser um traidor
se não queres voltar lá, fica cá
eu te farei um homem de valor.

O garoto aceitou mas sem saber
que o homem era um honrado professor
ensinou-o a ler e a escrever
estudou até chegar a ser doutor.

Depois já curava muita gente
era um médico muito bom e forte
um dia soube que o pai estava doente
à pressa lá o foi salvar da morte.

Depois de estar salvo diz-lhe um ai
já está salvo o meu Pai, eu sinto brilho.
Em visto de você ser um mau pai
eu quero pagar-lhe sendo um filho.

Perdoa filho, meu mal que eu te fiz
a vida que eu te dei amargurado,
diz-me lá quanto é que eu te devo.
O filho diz: Cumpri o meu dever, não deve nada.

Recolha efectuada em Vale de Água – Concelho de Proença-a-Nova

A LENDA DO BEZERRO DE OURO

Na Lapa do Aivado, bem no fundo da gruta encontra-se um bezerro de ouro. Este poderá pertencer aquele que conseguir chegar ao fundo da gruta. Mas só o terceiro irá realmente conseguir, pois segundo a lenda, existe a seguinte profecia: “ O primeiro passará, o segundo morrerá e o terceiro aproveitará.”

Recolha efectuada em Vila de Rei.

LENDA DA BUFAREIRA

Entre o “Penedo Furado” e a “Bicha Pintada” existe uma gruta. Lá dentro um bezerro de ouro guarda uma linda Moura encantada.

Recolha efectuada em Vila de Rei

LENDA DA MOURA

No tempo em que os mouros habitaram o concelho de Vila de Rei fixaram-se em vários locais. Um deles designado por Penha (lapa) do Aivado, local de grutas escavadas na rocha.

Conta a lenda que havia na Penha do Aivado uma moura, que estava para ter um filho, mandou então pedir ajuda a uma mulher parteira da povoação mais próxima – as Cortelhas. A mulher foi em auxílio da moura e esta como recompensa deu-lhe três carvões e disse-lhe que os guardasse. Quando chegasse a casa deveria colocá-los na cantareira e no outro dia pela manhã veria o que tinha acontecido. A mulher, pelo caminho, pensando na inutilidade dos carvões deitou dois fora que foram apanhados pelo mouro que a seguia prevendo já a atitude da mulher. Quando chegou a casa, a mulher colocou o carvão, que lhe restava na cantareira tal como a moura tinha recomendado. No outro dia pela manhã foi à cantareira ver o que tinha acontecido – o carvão transformara-se em ouro. A mulher foi então à procura dos carvões que tinha deitado fora, mas já não os encontrou.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

LENDA DO ASADO DE OURO

No lugar de Fundada, num sítio chamado Boucinha existem umas barreiras de barro vermelho onde está enterrado um asado grande cheio de barras de ouro encarnado; aquele que o quiser desencantar terá que ir a esse local à meia-noite, levar uma pêra consigo. Este deve levar uma sobreplis, uma estola, um missal, uma pedra de ara e uma caldeirinha de água benta. No local devem ler algumas orações do missal e devem começar a escavar simultaneamente. Entretanto, no lado de trás, aparecerá o diabo na figura de um grande carneiro que rugirá horrorosamente. Deverão então, deitar água benta mas não se poderão voltar para trás. Se o fizerem não conseguirão desencantar o ouro.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

O HOMEM DAS CORTELHAS

Viveu no Casal das Cortelhas um homem que tinha 14 filhos. Vigorava nessa altura a lei dos Morgadios. O homem, descontente com a lei, resolveu armar-se e armar os seus filhos com forquilhas e varapaus e assim partiram rumo aos passos do Concelho (Vila de Rei).

Fizeram tamanha revolta que conseguiram que a lei fosse alterada. Conta-se que a partir daí todos os filhos passaram a ter direito a herdar.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

LENDA DOS TREMOÇOS

Quando as Invasões Francesas atacaram o Concelho de Vila de Rei, as pessoas ao saberem da proximidade das tropas fugiam das povoações e escondiam-se nos matos levando consigo alguns mantimentos. Segundo consta, um grupo de pessoas refugiou-se junto à Ribeira da Isna. Estando aí já algum tempo, esgotaram os mantimentos restando somente tremoços amargos. Correu então a notícia que os Franceses se aproximavam. Os que aí se refugiaram afastaram-se então dessa zona deixando as panelas dos tremoços amargos. Os Franceses ao passarem por ali vinham famintos e comeram os tremoços. Mas como estes amargavam muito, julgaram que tivessem veneno e assim abandonaram a região.

Recolha efectuada em Fundada – Concelho de Vila de Rei

O CARRINHO DE OURO

Uns homens encontraram um carrinho de ouro num poço muito fundo do Rio Ocreza chamado Vale Mourão. Esse lugar é conhecido pelos seus penhascos e pela beleza das suas paisagens

Então, os homens felizes da vida, subindo a barreira quase a pique lá iam no seu caminho quando um exclamou: “Queira Deus quer não, este carrinho de ouro já é nosso.”

Então Deus por castigo, fez com que o carrinho rebolesse e fosse cair no fundo do poço com mais de cinco metros de profundidade. E há quem diga que ainda hoje se encontra lá.

Recolha efectuada em Foz do Cobrão Concelho de Vila Velha de Rodão

MINA DE OURO

Dizem os antigos que certa vez andavam sete cavalos numa noite a carregar ouro para uma mina, mas não se sabia a sua localização- Diz-se que seja na área dos Casalinhos e Raposeiro (terras destinadas à agricultura e à oliveira). A lenda diz também que deverá encontrar-se perto de uma nascente para que os donos desse ouro quando voltassem o soubessem encontrar. Para o encontrar é preciso sonhar três vezes com a localização da mina sem dizer nada a ninguém. Há quem diga também que os cabritos pretos adivinham onde está o ouro.

Mas o pior é que se encontra uma semente de guarda ao tesouro e a lenda avisa de que se a serpente não vir a gente devemos matá-la, mas se ela nos vir primeiro devemos fugir.

Recolha efectuada em Foz do Cobrão Concelho de Vila Velha de Rodão

O PENEDO DOS CÁGADOS

Esta lenda diz que a Nossa Senhora foi buscar esta enorme pedra de forma cilíndrica ao cimo da serra e que a levou à cabeça até cá abaixo, a fiar com as mãos e o penedo à cabeça; então chegou ao ribeiro pousou o penedo em tão boa hora que nunca mais se mexeu.

Recolha efectuada em Foz do Cobrão Concelho de Vila Velha de Rodão

A LENDA DO FETO REAL

Dizem os mais velhos que a flor do feto real só abre na meia noite da noite de S. João. Então aparece uma voz a quem a colher, por trás, pelas costas, que pergunta à pessoa o que deseja, poder ser habilidade ou riqueza.

Recolha efectuada em Foz do Cobrão Concelho de Vila Velha de Rodão

A BURACA DA MOURA

Dizem que existe um buraco entre a Foz e o Vale do Cobrão que atravessa a serra e que dá perto de uma pequena localidade de nome Chão das Servas, mas o túnel tem armadilhas pelo meio, pois tem um grande tesouro.

A razão do nome, é que, dizem também que a certa hora do dia aparece uma Moura que penteia os seus cabelos com um pente de ouro.

Recolha efectuada em Foz do Cobrão Concelho de Vila Velha de Rodão

LENDA DA NOSSA SENHORA DO CASTELO

Conta a lenda que numa altura em que as portas de Rodão iam fechadas, um arrais mandou os seus pescadores passarem por lá, mas nessas alturas tudo o que por ali passa vai ao fundo. Então os pobres pescadores pediram a protecção da Virgem prometendo erguer-lhe uma capela na serra, perto do castelo. Então movidos pela fé e coragem avançaram com o barco. Este afundou-se tendo vindo a aparecer um pouco adiante junto à Fonte das Virtudes. Deu-se no entanto um caso estranho: desapareceu o barrete de um pescador. Então quando os pescadores olharam para a serra viram a imagem de Nossa Senhora. A promessa foi cumprida, a imagem foi transportada para a capela que os pescadores construíram.

Todos os anos em Agosto lá vão cumprir a promessa por a Santa ter salvo os pescadores.

Recolha efectuada em Vila Velha de Rodão

LENDA DO REI WAMBA

Nas portas de Rodão ao lado da Beira Baixa (Norte do Tejo) vivia um rei que tinha lá um castelo que se chamava Rei Wamba e que dominava este lado. Este era um guarda avançado da Egitânia (Idanha-a-Velha).

O lado de lá era dominado por um Rei Mouro.

A mulher do Rei Wamba perdeu-se de amores pelo Rei Mouro e este para a raptar tentou fazer um túnel que passaria por baixo do Tejo para a poder ir buscar.

Os cálculos do Rei Mouro foram mal feitos e o buraco saiu acima do nível das águas (conforme ainda se pode ver). A mulher do Rei Wamba entrou em pânico e o Rei Wamba descobriu a finalidade do buraco.

O Rei Wamba vendo a paixão que ela manifestava pelo outro, ofereceu-a então ao outro Rei como presente, mas sendo atada à mó de um moinho, rolando pelas encostas até ao Rio Tejo. Pelo sítio onde passou a mó com a mulher do Rei Wamba atada nunca mais nasceu qualquer vegetação, conforme hoje ainda se pode verificar no local.

Recolha efectuada em Vila Velha de Rodão

FUNÇÕES DA LITERATURA POPULAR

Na literatura popular da Beira encontramos como característica bastante comum, a Mitologia apoiada na religião dando, no entanto, aso a que se conjugue amiúde com o pagão. O milagre atribuído ao Santo da devoção tem de continuar a ser comemorado, recorrendo-se muitas vezes a ancestrais rituais pagãos.

O povo da Beira é mesmo assim, fervoroso nas horas de aflição, crente em deuses e Demónios, Bruxas e Lobisomens. Combate o trovão com Santa Barbara e personaliza um Santo como defensor de cada malefício por que é atingido.

Dado que surge muitas vezes a necessidade de um milagre, acredita em bruxas, acedentes e maus olhados, mas é ao mesmo tempo devoto acérrimo do Santo da sua devoção. Aliás o santuário de cada localidade é o local onde uma ou mais vezes por ano o povo faz a sua “catarsis” colectiva, “banhando-se” em rituais pagãos com um pano de fundo religioso, ganhando assim forças para as provações que a vida lhe reserva nos tempos mais próximos. As credices aqui tocam o limiar dos extremos que coabitam inseparados e insolúveis.

A literatura popular portuguesa é feita de pequenas pepitas de identidade que embora rareando nos aparecem no leito dos nossos rios. A literatura popular da Beira é uma árvore plantada em tempos imemoriais, cujos frutos do mesmo ramo podem ser o Sagrado e o Profano misturado num suco comum.

Apresenta-se-nos como um símbolo de identidade regional e nacional, como uma procura constante de valores que são tão nossos que nós os desconhecemos. É algo que precisa de se cumprir em cada um de nós.

Será um serão passado à lareira numa noite de Inverno. O ambiente reflecte desde logo outros tempos em que ao fim de um dia de trabalho as várias gerações se sentavam à lareira em redor do fogo unificador. Era aí que se transmitia a genuína cultura popular. Outros tempos em que não existia a luz eléctrica ou os modernos meios de comunicação como elementos difusores de cultura e de população.

ANÁLISE

Foi feito um estudo de 90 contos, mitos e lendas em cerca de 30 localidades de 10 concelhos da Beira. Considerando alguns aspectos globalizantes da Literatura Popular em questão, fez-se uma breve análise das mesmas. Temos no entanto de ter em conta que em cada espécime recolhido constatamos a existência de mais que um aspecto em evidência.

Os aspectos tidos em conta na análise encontram-se numerados de 1 a 13, à frente de cada um está escrito o número de contos, mitos e lendas em que cada um se encontra.

Factos ou acontecimentos relacionados com a história ou vida quotidiana da região (localidade) – 38.

Factos relacionados com a história do país – 9.

Relata milagres ou factos da história da região – 2.

Fala de entes mágicos ligados a acontecimentos sobrenaturais (Bruxas, Mouros, Lobisomens) – 33.

Têm a participação de pessoas – 57.

Têm a participação de animais como oponentes ou adjuvantes – 22.

Têm a participação de pessoas e animais – 17.

Têm um fundo moral ou educacional – 29.

Usa elementos de religioso e do pagão misturados – 17.

Trata de factos de origem natural (cheias, fogos, nevões, pragas, invasões) – 9.

O factor religioso como solução ou salvação de elementos de origem natural (*milagres, promessas) – 17.

Os elementos da religião como salvadores ou protectores de desventuras de origem pessoal – 7

Usa números com simbologia – 9.

GLOSSÁRIO

Abebera – figo

Abespra – vespa

Abespreiro – ninho de vespas

Abrir os cordões à bolsa – pagar

Acalar – parar

Acamado – de cama

Acomodar – dar repasto aos animais

Acressimos – arrepios, mau estar

Açucré – açúcar

Agachar – baixar

Agumento – doença ou tristeza causada pelo desejo de alguma coisa

Alacrário – escorpião

Alagosto – comilão

Alanterna – lanterna

Alavao – as ovelhas a dar leite

Alcacêr – centeio semeado para alimento dos gados

Ale –ele

Alecrario – lacrau

Alguêro – cisco

Alinterna – lanterna

Almario – armário

Altmovel – carro

Amargucher – baixar a cabeça

Amargulher – baixar a cabeça

Amojo – úbere

Amorfar – comer

Amuado – zangado

Anecril – alecrim

Antiontem – 1 dia antes de ontem

Arreganhado – com frio

Assanhado – zangado

Atão – então

Atragalhado – mal feito

Aventar – deitar fora

Avesseira – encosta voltada a norte

Avintar – Deitar fora
Bacelada – bacelo para enxertar
Bácoro – suíno, porco, pessoa não asseada
Badalhoca – porca
Badana – ovelha idosa e mal encarada
Baem – bem
Baixa – terra fértil
Bajas – Vagens
Balaia – cesto com uma grande asa
Balcão – varanda
Balças – Silvas
Balhaca – má
Balho – baile
Balsa – cascas, bagaço das uvas
Bança – benção
Banda – lugar, lado
Banquinha – mesa de cabeceira
Banzos – degraus da escada
Baraço – atilho feito de junco ou de colmo para atar os molhos do pasto
Baranda – varanda
Barburinho – remoinho produzido em hélice pelo vento
Barraco – porco
Basqueiro – barulho
Bastir – empastar lã, para chapéus
Batorel – banco de pedra colorido junto das casas ao lado das portas
Baturel – muro
Bazambu – belzebu
Bêbado que nem um caicho – muito bêbado
Bexigas – varíola
Bichas – saguesugas
Bôcho! Bocho! – para chamar os cães
Bagalhos – planta azeda comestível
Bom cabedal – bom corpo
Borna – morna
Bornal – saco que se coloca com ração na boca dos animais
Borrvalho – pó
Botelha – abóbora

Brandura – calma
Branquita – aguardente
Brebe – depressa
Briol - frio
Burra – engenho de madeira que tem uma pegadeira onde se coloca um balde e se tira com facilidade água dos poços.
Burra – picota
Buxa – pequena refeição
Cabaço – cabeça
Cabo – fim
Cabrunco – carbunculo
Cabarê – caçarei
Cachaço – pescoço
Cachopa – rapariga
Cachopo – rapaz
Caganito – coisa pequenina
Calacêro – preguiçoso
Canalha – crianças
Cancaró – câncero
Canchada – passo largo
Caniço – lugar onde se secam castanhas e enxidos
Cantareira – prateleiras para pratos
Caramelo – gelo
Carolo – farinha grossa para peneirar
Carujar – chuva miudinha
Caruma – agulha
Catarro – gripe forte
Catchaço – pescoço
Cêfar – ceifar
Cesta – canastra
Chavelha – chave do arado
Chiba – cabra pequena
Chicha – carne
Choço – abrigo ambulante de mato onde dormem os pastores
Choviver – chover água miudinha
Cobanco – estribo que prende do selim ou da albarda
Códão – geada espessa

Coero – coiro
Corna – chavelho de animal
Corral – dormitório dos animais
Correcio – vadio
Cos – contração de com + os
Cotche! Cotche! – para enxotar os porcos
Cruto – coruto
Cudas – pensas
Cueiro – fraldas antigas
Cunfia – confiança
Dabanão - de repente
Dabanço – de vez em quando
Dâle – dele
Damonho – malvado
Danado – mau, zangado
Dantes – noutro tempo
Dar de badalo – falar muito e sem jeito
Dejua – pequeno almoço
Desmantcho – desmancho
Déter-se – deitar-se
Diabolca – diabólica
Diche – disse
Djua – pequeno almoço
Djuar – jejuar
Dormederas – dormideiras
Durô – durou
Ê – eu
É Canja – é fácil
Empa – estaca de suporte
Empalamado – doente
Empinado – de pé
Encardido – muito sujo
Encatarrado - muito constipado
Encatarroado – muito constipado
Encrenca – reles, fraco
Engavelar – comer
Ensarralhada – enfezada

Esborregado – deitado
Escalamido – com muita fome
Escapuluido – com muita fome
Escarrapachado – sentado com uma perna para cada lado
Escarrapachar – montar com uma perna para cada lado
Esganada – malvada, egoísta, avarenta
Espantecar – saltar com satisfação
Espinha – coluna
Estalecido – abcesso
Estâmado – estômago
Esterco – estrume
Esterloucada – variada da cabeça
Esterloucadas – colheitas a perderem-se
Estômado – estômago
Estrobo – enxeco
Estropaço – susto
Fagulhas – faúlhas
Fanaco – um pedaço de pão
Farê – farei
Fecô – ficou
Fejães – feijões
Ferreijo – pasto para animais
Foita – sem medo
Folha – campo da sementeira
Forreta – agarrado
Forro – sotão
Fouta – pessoa sem medo
Fretér – fritar
Friteir – fritar
Fronha – cara
Fumeiro – armação em madeira, onde se dependuram os enchidos
Furda – pocilga
Gadápula – mão
Galdeirice – brincadeira
Galfanhoto – gafanhoto
Galhofa – rir
Garganta – conversa

Garruço – gorra
Garteir – gritar
Gorricho – porco
Gretér – gritar
Gripada – gripe forte
Home – homem
Imbude – planta cujas raízes anestésiam os peixes
Impauquedo – com pouco juízo
In cocro – em couro
Incardido – sujo
Incarrapato – nu
Inchogar – passar por água
Incôuro – nú
Increnca – problema
Incrujeda – encruzilhada
Infousar – entusiasmar
Infusa – jarra de barro
Ingarelas – angarelas
Ingives – gengives
Intolhas – dúvidas
Inxogar – passar por água
Inzonar – enganar
Jaja – vestido de bebé
Javaril – javali
Joana – mulher desajeitada
Labrego – saloio
Lage – pedra lasca
Lagueiro – sítio onde empoça a água
Lambão – comilão
Lambão – comilão, mandrião
Lambão – homem que come muito
Lambão – mandrião
Lambão – preguiçoso
Lambarão – muita conversa
Laraita – fome
Latada – armação de madeira pela qual se formam os pentes das videiras
Lobsomem . lobisomem

Lóceró – loiceiro
Lonjura – distância
Losca – osga
Lostra – lambada
Mai – mais
Malga – tigela
Malha – tarefa
Manapula – mão
Manel – Manuel
Manhém – manhã
Mansa – calma
Manzão – muito mau
Mão-canha – mão esquerda
Marcar – comprar
Más – mais
Matação – coisa grande
Matcho – macho
Mau parecer – mau aspecto
Mechanos – melgas
Melancanha – pouco esperta
Melias – pessoa sem apetite
Melias – uma pessoa sem acção
Mercolas – compras
Merenda – lanche
Miguelho – pedaço
Miguelho – um bocadinho
Milhano – milhafre
Mo- contração de me + o
Moio – 60 alqueires
Molenzão – indolente
Mongal – mangual
Morangãos – morangos
Mosca-morta – sonso parece que nem parte um prato e é a destruição da louça
Na senhora – não senhor
Naco – pedaço
Não são assuntos do teu bugalho – não te dizem respeito
No – não

O coirão – o corpo
Ódespois – depois
Ogar – regar com o agadouro
Ólvera – oliveira
Onte – ontem
Ospois – depois
Otras das vezes – outras vezes
Pálitos – fosforos
Pálo – Paulo
Palonso – com pouca acção
Panteia – penteia
Pantonar – de costa
Papa sorda – sem desembaraço
Parnâta – furia anormal
Paveia – molho
Pecarricho – pequenino
Pecarucho – pequeno
Pedra milheira – granito
Peguilho – embaraçado
Pela – frigideira
Pelheira – lugar on se guarda a cinza
Persunto – nádega
Pertlinho – pertinho
Perum – Perú
Pexeira – jarra, cafeteira
Piela – bebedeira
Pita – galinha
Pita – pinta
Pitrol – petróleo
Poajos – poejos
Poveia – molho
Prama – prima
Pregana – pedaço de palha
Priado – zangado
Qu'o – contração de que + o
Quedo – quieto, parado
Quinsão – ajuda

Ralação – preocupação
Realengo – juízo
Rebêro – ribeiro
Relouquer – variar da cabeça
Remansada – água parada
Ror d’anos – muitos anos
Ruça – geada
Sagorro – pouco civilizado
Saio – ceia
Sarão – serão
Sardanisca – lagarticha
Sardão – lagarto
Sarna – teimoso, aborrecido
Saroulas – ceroulas
Scapla Sraptura – Sagrada Escritura
Scarbar – escavar
Senife – cheiro
Sequeiro – com sede
Seve – sebe
Sobrado – sala
Sorna – pessoa fingida
Sorna – preguiçoso
Sova – tereia, apanhar sova
Sovina – agarrado
Sovina – pau utilizado para voltar as filhózes
Spintcarê – espetarei
Spojeros – espojadores
Staferme – estafermo
Strofel – trofel
Sueir – transpirar
Tabefe – estalada
Talefe – marco
Teleigo – saco pequeno e largo
Taloca – buraco
Tamãe – também
Tanganho – pau seco
Tchamar – chamar

Tcharinguêro – bisbilhoteiro
Tchiba – cabra
Tender – da massa fazer pão
Texto – tampa panela
Trapeço – assento de cortiça
Trarão – tirarão
Treva – azelha
Tramba – cara
Tropeça – mesa com 3 pernas
Trunfa – cabelo grande
Tuta e meia – barato
Uga-te – para os animais se comporem
Urrer – urrar
Vâr – ver
Vardade – verdade
Vardasca – bater com uma vara
Vazio – ovelhas vazias
Vendido por cascas de alho – vendido barato
Venégre – vinagre
Ventas – cara
Vêsio – vê-lo
Vianda – alimento de porcos
Xaro – esteva
Xó – enxotar as galinhas
Xó – enxotar as aves
Zamouga – cerveja

O glossário aqui apresentado é o resultado da compilação dos vocabulários recolhidos em diversas localidades da Beira Baixa nos últimos cinco anos.

Contos, Mitos e Lendas da Beira é um contributo muito válido no sentido da reavaliação da nossa identidade, expressando-se esta pelo sentimento de pertença que cada um de nós desenvolve em relação à comunidade de origem.

LOPES MARCELO

No Perfácio